

PODER E REALIZAÇÃO

J. Krishnamurti

K R I S H N A M U R T I

Nascido na Índia, em 1897, Krishnamurti foi educado na Inglaterra e vem residindo ultimamente em Ojai, na Califórnia. Embora não dirija nenhuma sociedade organizada e não possua diplomas, é uma das mais ricas expressões do pensamento contemporâneo.

Viajando há mais de 30 anos através dos cinco continentes, vem espalhando a verdade, que se revelou para ele em toda a sua plenitude, por meio de livros e palestras que oferecem uma nova atitude perante os eternos problemas que defrontam cada um de nós.

J. KRISHNAMURTI

Poder e Realização

(Conferências, com perguntas e respostas,
realizadas em 1953 em Londres)



INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

1957

J. KRISHNAMURTI

Poder e Realização

Tradução de Hugo Veloso



Editado pela
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Avenida Rio Branco, 117 - sala 203
Rio de Janeiro - Brasil

ÍNDICE E RESUMO DAS PERGUNTAS

Que necessidade tem de frequentar estas reuniões uma pessoa pertencente a um Estado que provê ao bem estar geral?	13
Observo meus pensamentos e sentimentos, mas recaio constantemente na velha rotina de pensamento e fuga eventual. Que devo fazer?	15
Estou sempre insatisfeito. Onde encontrar o alimento que me satisfaça para sempre?	26
Qual é a função do sono afora o seu lado fisiológico?	29
Morreu meu filho. Como hei de enfrentar esse pesar?	32
Afinal que desejais fazer, e estais fazendo?	40
Como posso libertar-me do meu condicionamento?	42
Pratiquei más ações no passado; como posso agora alcançar a paz de espírito?	46
Existe possibilidade para a perfeição do indivíduo e do Estado?	48
Quando observo meus semelhantes, inclusive a mim mesmo, vejo-os medíocres e vulgares. Como tolerar essa fealdade?	56
Sinto-me muito só. Não podendo encontrar relações humanas íntimas, que devo fazer?	58
Dependendo de outras pessoas, sobretudo psicologicamente, desejo libertar-me. Como ser livre dessa dependência?	61
Receio abandonar certos hábitos que me dão prazer, mas sei que devo deixá-los. Que fazer?	73
Os cristãos prometem o céu; e vós, que ofereceis	73
As palavras "o pensante e o pensamento são um só" parecem-me incompreensíveis. Porque é tão difícil essa idéia?	78
Como é possível a ação coletiva com tantos interesses divergentes?	88
Como pode nosso precário amor humano tornar-se incorruptível?	91
Não é a <i>yoga</i> ou a disciplina um dos caminhos para a Realidade ou Deus?	93

Parece-me que um dos nossos problemas mais sérios, nestes tempos confusos, é êste: que vamos fazer? Há fome na Ásia, e ameaça de guerra. Observa-se um extraordinário progresso na ciência; e embora desejemos igualar moralmente êste suposto progresso, achamo-nos ainda muito atrás. E a nossa dificuldade, no meio desta confusão, é o descobrirmos, mesmo intelectual-mente, uma maneira de proceder, de agir, e o que pensar. Porque, embora continuemos a depender dos líderes, dos filósofos, dos intelectuais, ou dos cientistas, a dificuldade — assim me parece — é que já não confiamos nem nos líderes, nem nos filósofos, nem nos instrutores, nem nos cientistas. Quanto mais observamos, tanto maior se nos revela a confusão. Embora tenhamos um govêrno que nos dê bem estar (Welfare State), contudo, interiormente, psicológicamente, somos pobres em extremo. Podemos possuir tôdas as coisas exteriores que dão confôrto — casa, alimento, vestuário — mas, interiormente, somos pobres, insuficientes, de todo em todo infelizes; estamos confusos, não sabemos o que fazer, onde encontrar a felicidade, a salvação, ou aquêlê sentimento da realidade que não nos pode ser dado por nenhuma religião ou filosofia.

Em vista de tudo isso, devemos tratar de aclarar o que se entende por “vida moral”. E’ a moral com-

patível com o progresso? Pode-se consciente e deliberadamente, planejar e cultivar a conduta moral, harmonizando-a com o extraordinário progresso que o homem realiza a outros respeito? É possível o “progresso interior?” E pode o homem ser feliz, *sem esse esforço deliberado e consciente, visando à conduta moral?* É cultivável a moral? E, uma vez formada essa moral, ela nos leva à felicidade, ao estado criador, à liberdade? Ou a moral não é algo que se cultiva, mas, sim, uma revolução — *uma revolução inconsciente?*

Podemos cultivar a virtude, a compaixão, o amor; mas o cultivo intelectual, a ação deliberada no sentido de nos tornarmos algo, nos tornarmos nobres, etc., traz-nos-á aquela libertação inconsciente das restrições que nos são impostas pela moderna sociedade e pelas nossas próprias limitações? Ora, não importa averiguarmos se esse constante esforço de desenvolvimento intelectual resolverá qualquer um dos nossos problemas, ou se existe uma outra maneira de proceder de todo diferente? Porque, se conscientemente sigo uma determinada linha de ação, se planejo a minha vida, se a submeto a um escrutínio intelectual, se a analiso, e estabeleço uma norma de conduta, alcançarei, naturalmente, certos resultados. Mas, advirá daí algum sentimento de liberdade, aquêlê estado criador que é a realidade inerente à experiência verdadeira? Ou êsse estado criador, essa liberdade surge em condições inteiramente diversas, por um processo diferente?

Tentemos investigar bem isso, para descobriremos se por meio de um “processo” deliberado, se pelo cultivo da mente e por vários métodos de disciplina e compulsão, a mente pode transcender a si própria. Porque, intelectualmente, estamos adiantadíssimos; sabemos, muitas coisas, intelectualmente, mas interior-

mente somos insuficientes; não há, aí, riqueza nenhuma. Dependemos de outros, para nosso bem-estar psicológico; há medo, frustração, angústia, um sentimento de estarmos inibidos. E é possível rompermos as muralhas dessa intelectualidade, com o cultivo de uma virtude ou de virtudes? O intelecto pode libertar-nos de nossas prisões, de nosso medo, cultivar o sentimento da compaixão? Entretanto, é isto o que estamos tentando fazer.

Ainda que tenhamos um govêrno que nos dê todo o bem-estar, planeje tôdas as coisas para nós, estamos cõscios da falta geral da afeição, de amor; e há também medo. E pomo-nos, intelectualmente, a cultivar várias formas de resistências ao medo, já repelindo a ansiedade, já analisando-a, examinando-a muito atentamente — tudo isso por meio do intelecto, da mente. Entretanto, *pode a mente resolver os problemas que ela própria criou?* Cultivamos a virtude, a moral, a fim de correspondermos ao progresso que estamos realizando, mas êsse cultivo da moral pelo intelecto produzirá o bem-estar humano?

Êste é, pois, um dos nossos problemas principais, não é exato? Cientificamente, estamos fazendo progressos extraordinários; e dizemos, então, para nós mesmos: “temos de progredir moralmente também”. Todavia, quanto mais cultivamos a virtude, tanto mais forte se torna a resistência — que se chama “o eu”, “o ego”. Não é verdade isso? Quando, consciente e deliberadamente, estou cultivando a humildade, o destemor, isso me faz ser humilde ou livre de temor? Se me esforço deliberadamente para ser não-violento, sou-o? Ou a virtude é algo absolutamente incultivável? A pessoa que está cõscia de sua virtude não é, por certo, virtuosa. E, entretanto, necessita-se virtude, um bem-

estar moral, inconscientemente criado, não resultante do cultivo intelectual de nenhuma virtude determinada.

Não sei se me estou expressando claramente. Porque, êste me parece um dos nossos maiores problemas. Pois, para correspondermos ao progresso científico, faz-se necessária, evidentemente, a nossa libertação da consciência do "ego"; do contrário, iremos causar a nós mesmos mais sofrimentos e angústias. E pode, a nossa libertação da consciência do "ego", resultar do cultivo de uma virtude? Porque tôdas as religiões se aplicam deliberadamente a cultivar determinadas qualidades nos seus sectários. Esse cultivo consciente, sem dúvida, é um processo de desenvolvimento do intellecto, e não da virtude. Quanto mais conscio estou de ser virtuoso, menos o sou. E, no entanto, tôdas as atividades de uma pessoa religiosa, tôdas as atividades de qualquer pessoa, procurando, atender ao problema do mundo, à crise mundial, se cifram no cultivo deliberado, no esforço consciente, visando a uma determinada forma de virtude, de moral, de bem-estar. É um esforço consciente, deliberado. E não estou nada certo de que tal esforço possa produzir moralidade e trazer bem-estar ao homem, em correspondência com o progresso que o mundo está realizando.

Não é certo que a verdadeira revolução não se realiza na esfera da mente, mas só pode efectuar-se num nível inteiramente diverso? Porque, revolução planejada — econômica, social ou de qualquer outra natureza — é sempre do nível intelectual; e o intellecto não pode por nenhum meio promover revolução; pode, apenas, operar modificação de natureza contínua. Mas tal modificação não é revolução. Uma modificação econômica, concebida e planejada pela mente, não é uma revolução produtora do bem-estar total do homem:

é, tão somente, uma revolução num certo nível limitado. E se nos interessa a revolução total do homem — e não, simplesmente, o desenvolvimento de uma dada qualidade num determinado nível — não devemos atribuir suma importância à revolução nos níveis mais profundos do nosso ser, e não apenas no nível consciente e superficial?

E a mente, a mente consciente, é capaz de penetrar, de analisar o inconsciente, realizando, dêsse modo, uma revolução? Porque, é bem óbvio, necessitamos de uma transformação fundamental, radical em nós mesmos, e essa transformação não pode ser produzida pela mente. A mente não pode produzir aquela revolução. Ela só pode realizar-se pela experiência direta da Realidade, de Deus (ou como quiserdes chamá-lo). Mas o intellecto é incapaz de tal experiência; êle não pode, por nenhum dos seus esforços, ter a visão daquela verdade. Todo cultivo de virtudes, tôda crença, tôda doutrina, está sempre no nível intellectual, no nível superficial. E, entretanto, é com essa mente, com êsse intellecto que queremos apreender, experimentar algo que se acha além da nossa mente.

Deus, a Verdade (ou como quiserdes chamá-lo) pode ser descoberto pela mente, pelo intellecto? Ou essa realidade só pode experimentar-se quando a totalidade da mente — não apenas a mente consciente, mas também a inconsciente — quando a mente total está tranqüila de todo, não mais lutando para alcançar algum resultado, não mais lutando para encontrar algo, não mais tentando transcender a si mesma? Acho muito importante compreender-se isso. Creio os nossos esforços têm sido feitos até agora no nível do intellecto, porque êle, o intellecto, é tudo o que possuímos e vimos cultivando há gerações. E com essa mente queremos

achar uma realidade, uma verdade, um Deus, que nos dê felicidade, que nos dê virtude, e proporcione a cada um de nós bem-estar interior. Essa realidade pode ser encontrada pela mente? No entanto, sem essa realidade, tudo o que fizermos, todos os progressos que realizarmos ocasionarão sempre mais confusão, mais sofrimento, mais guerras, mais discórdias; e, a menos que encontremos essa realidade, o progresso não tem significação alguma.

Mas, como encontrar êsse novo estado? Como despertar para essa realidade, êsse estado criador que não é mera expressão verbal, nem mito ou fantasia? Ela tem de ser encontrada. Não é possível, porém, encontrá-la com a mente. A mente é simples resultado do tempo, é memória, reações — um depósito de coisas do passado. *A mente é o passado.* Ela se constituiu através do tempo, através das idades; tal é a sua verdadeira natureza. E nós estamos tentando encontrar algo além do tempo, algo a que se não pode dar nome, algo inefável, indescritível. Sem o descobrimento dessa coisa, tem a vida muito pouca significação e se torna uma série de lutas: tristeza, dôr, sofrimento e ansiedade constante. Como encontrá-la, pois?

Não é verdade que ela só pode ser encontrada — ou, antes, apenas pode nascer — quando a totalidade do meu ser se acha muito tranqüila? Porque, quando me acho nêsse estado, já não peço coisa alguma; nem sou virtuoso nem não-virtuoso; não penso em mim como um indivíduo que está progredindo, adiantando-se, alcançando um resultado; já não há em mim o impulso da ambição, do desejo de pôr o mundo em ordem. O mundo só pode ser pôsto em ordem depois que eu tiver encontrado aquela Realidade. Aquela realidade criará a ordem, sem que eu precise fazer coisa alguma. Não

é importante, por conseguinte, que eu compreenda a mim mesmo, compreenda as tendências de minha própria mente? Porque essa compreensão cria o estado de tranqüilidade em que se realiza uma revolução inconsciente, a revolução na qual o "eu" perdeu toda a sua importância. Com essa compreensão, pois, a mente se torna muito tranqüila: já não busca, já não exige, já não luta para ser algo; e nessa quietude, nessa serenidade, surge a Realidade. Isso não é fantasia nem misticismo oriental. Sem aquela Realidade, não importa o que façais: haverá mais guerras e mais destruição; o homem estará sempre contra o homem.

Aquela realidade jamais surgirá — acredito-o — sem o autoconhecimento: o autoconhecimento que se descobre a cada momento no espelho das relações, autoconhecimento com o qual nos despimos de toda ilusão e a nossa mente não inventa mais fantasias e meios de fuga. Quando a mente já não está na sujeição das crenças, começa a compreender *o que é* — *o que é*, nas relações. Assim, pois, pelo constante percebimento do "eu", do "ego", em ação, podem-se descobrir as tendências da mente. A mente é um livro que não pode ser lido todo de uma vez. O homem que diz: "Preciso lê-lo todo de uma vez" — nunca compreenderá a mente. Ela tem de ser lida constantemente, e o que se lê não deve ser acumulado como conhecimento, saber. Porque o saber impede a Realidade; o saber é memória acumulada; o saber se prende ao tempo, ao chamado "progresso". Mas a Realidade não pertence ao tempo; não pode ser armazenada para uso; ela só surge quando a mente se acha tranqüila de todo. E essa tranqüilidade surge, não como resultado de disciplina, mas pela compreensão das tendências do "ego", do "eu", da mente, pelo percebimento de todas as relações.

Assim, pois, não há disciplina nem exercício de virtude que possa dar existência à Realidade. O cultivo da virtude transforma-se puramente em obstáculo à realidade, sem a qual os vários problemas que a vida cria continuarão a existir sempre. Só quando começo a compreender a mim mesmo, pode a mente tornar-se tranqüila; e nessa tranqüilidade, apenas nessa serenidade da mente, pode nascer aquela realidade criadora.

Foram-me enviadas algumas perguntas, às quais tentarei responder. Antes de o fazer, porém, creio devemos esclarecer umas poucas coisas. Se estais em busca de soluções, acho que ficareis desapontados. Porque todo problema é mais importante do que a solução; a maneira de nos aplicarmos ao problema é mais significativa do que a procura da solução. Se sabemos aplicar-nos corretamente ao problema, encontraremos a solução no próprio problema, e não fora d'ele. Mas ansiamos tanto por uma solução, por um remédio, uma indicação do que devemos fazer que nunca estudamos o próprio problema.

E, igualmente, acho muito importante saber-se escutar. Porque nós raramente prestamos ouvidos ao que se nos diz; estamos tão cheios de nossas próprias idéias, nossas próprias objeções, nossos próprios preconceitos! Ou, porventura, temos lido muito, sabemos tanta coisa! Nossa experiência, nosso próprio saber e o saber de outrem, nos impedem de escutar tanto a alguém que fala, como também a todas as coisas da vida. Quanto mais escutamos, tanto maior a compreensão. Entretanto, é difficilissimo escutar. Para escutar, precisamos achar-nos extraordinariamente tranqüilos — *não* concentrados, porque a concentração é sempre seletiva. Mas, quando escutamos com o propósito de esclarecer-nos, estamos então abertos, não existem mais barreiras,

cessaram tôdas as “projeções”, e psicologicamente nada mais exigimos.

É, pois, importantíssimo saibais escutar, não só a a mim (isso já não é tão importante) mas a *tôdas as coisas* — vosso vizinho, vossa espôsa, vossos filhos, os políticos — de modo que no próprio ato de escutar haja aquela confiança que não está em relação com o “eu”. Porque, em geral, carecemos de confiança; por isso procuramos cultivá-la, resultando daí, apenas, a egocêntrica certeza do “eu”, a confiança que se cinge ao “eu”. Mas se sei “escutar” não só a tôdas as coisas que me cercam, mas também a tôdas as minhas interiores compulsões, impulsos, solicitações; se sei escutar sem interpretar, sem traduzir, começo então a compreender o fato do *que é*.

Feitas estas observações, vejamos se podemos responder a algumas destas perguntas.

PERGUNTA: Que necessidade tem de frequentar estas reuniões uma pessoa pertencente a um Estado que provê ao bem-estar geral (*Welfare State*)?

KRISHNAMURTI: Senhor, o Estado pode proporcionar-vos os meios de satisfazerdes a tôda as vossas necessidades. E daí, que se segue? Não importa averiguar-se por que se empenha o homem tanto em alcançar a Utopia física? Queremos a salvação no nível físico. Queremos uma sociedade perfeitamente organizada. Desejamos o homem perfeito, o Estado perfeito. E estamos todo absorvidos no planejar do Estado perfeito. Pensamos que, nessa direção, podemos progredir — esquecendo o processo total do homem. O homem não é só esta entidade física exterior. Há, ainda, todo

o conjunto de nossos processos psicológicos: fortíssimas resistências, temores, ansiedades, frustrações. Ocuidar só de uma parte do homem, sem compreensão do seu "processo" total, não proporciona bem-estar nem felicidade ao homem. Não é importante compreendam-se também as outras partes, os níveis ocultos, sem nos concentrarmos unicamente no bem-estar físico?

Isso não significa que devamos descuidar-nos do bem-estar físico, retirar-nos para um mosteiro ou para o deserto. Não devemos, porém interessar-nos pelo processo total do homem? Se só atribuíis importância ao progredir para uma Utopia perfeita, sem dar-se atenção às enormes profundezas, às dificuldades, às resistências e temores do homem, então, sem dúvida, não resolvestes o problema! Não creio que tenhais uma Utopia se não compreenderdes o homem total. Por certo, a religião — *não* a crença, os ritos organizados — a verdadeira religião é o descobrimento do processo total do homem, a fim de que se possa transcender a mente. Visto não poder a mente, resolver-nos os problemas, necessitamos de um atributo diferente. E esse atributo só pode surgir com a revolução interior.

Viestes, talvez, a esta reunião com o fim de descobrir por vós mesmo se, como indivíduo, podeis ultrapassar as limitações da mente, ultrapassar-lhe as influências condicionadoras: descobrir tudo isso por vós mesmo. Porque eu estou convencido de que, sem se experimentar aquela realidade, o mero conceber de planos econômicos, o esforço para criar o Estado perfeito, não nos conduzirão a parte alguma. Acredito estamos começando pelo lado errado. Se começarmos pelo lado certo — isto é, pelo descobrimento da Realidade — então a outra coisa se torna possível; isto é, o Estado perfeito, a sociedade perfeita têm, então, signi-

ficação. Mas, começar com a sociedade perfeita, rejeitando a realidade fundamental, significa mais confusão, campos de concentração, extermínio dos que não estão de acôrdo conosco; e, dêsse modo, viveremos sempre uns contra os outros.

Pela compreensão dêsse processo de condicionamento, pela compreensão de que a mente está condicionada — quaisquer que sejam as suas atividades, ou suas “projeções”, a mente está sempre condicionada — pelo percebimento dêsse fato, talvez possamos ir mais além. E, provavelmente por esta razão, alguns de vós aqui estais.

PERGUNTA: Observo meus pensamentos e sentimentos, mas isso não parece levar-me mais longe, pois recaio constantemente na velha rotina de pensamento e fuga eventual. Nessas condições, que devo fazer?

KRISHNAMURTI: Uma mente pequena, uma mente insignificante que observa o seu próprio pensar e sentir, permanece sempre dentro das próprias limitações, não é verdade? Se minha mente é pequena, superficial, estreita, posso ficar observando eternamente o meu pensar, que isso não me levará naturalmente a parte alguma. Porque a minha pequenina mente deseja sempre certos resultados; por isso, ela observa e vigia, à espera de resultados. Com uma mente pequena, tudo o que concebo é também pequeno: meus deuses, minhas crenças, minhas atividades, minhas objeções, contrôles, disciplinas — tudo isso é pequeno, mesquinho, circunscrito que está pelas minhas limitações. O verdadeiro problema não é o de como observar a men-

te, porém este: pode a mente que é pequena, limitada, insignificante, transcender a si mesma?

O mero observar dos pensamentos e sentimentos em nada beneficiará a mente que é estreita, não achais? Porque, com essa mente, eu observo os meus pensamentos com a intenção de fazer alguma modificação, observo os meus sentimentos, com o fim de transformá-los. Mas a própria entidade que observa e que procura modificar o pensamento e o sentimento, é um resultado de sentimentos e de pensamentos. Não é diferente do pensamento e do sentimento. Sem o sentimento e o pensamento, ela não existe. Sou constituído de meus pensamentos, sentimentos, experiências, condicionamento, etc.; sou tudo isso. E uma parte de mim mesmo diz: "Vou observar os meus diferentes pensamentos e sentimentos e fazer o possível para modificá-los, fazer o possível por efetuar uma transformação". Mas o "eu" que está empenhado em fazer alguma coisa com relação a esses pensamentos está também compreendido na esfera do pensamento. Nessas condições, embora a mente se separe como a "entidade superior" e procure controlar ou modificar o pensamento e o sentimento, ela é sempre uma parte desse sentimento e desse pensamento.

Pensai bem nisso, juntamente comigo. Eu não sou diferente dos meus pensamentos e sentimentos, sou? Sou constituído de pensamentos e de sentimentos — de temores, ansiedades, frustrações, anelos, desejos inumeráveis; sou tudo isso, sou cada uma dessas coisas. E uma parte de mim mesmo que observa e procura controlar o pensamento e o sentimento não conseguirá evidentemente nenhum resultado. Posso modificá-los; mas a entidade que opera a modificação, continua estreita, insignificante, pequena. Que devo fazer, então?

Porque, reconheço que há necessidade — uma necessidade fundamental — de transformar radicalmente o meu pensar; preciso libertar-me da ambição, das várias formas de temor, etc. Percebendo essa necessidade fundamental, que devo fazer? O “eu” que se compõe daquela frustração; êsse “eu” que é, êle próprio, uma parte da frustração, quando procura transcender os seus limites ou realizar a sua plenitude, só há de engendrar mais frustração.

Se percebo a verdade de que tudo o que faço para evitar a frustração — se procuro ser feliz, se procuro preencher-me ou afastar todo desejo de preenchimento — tudo o que faço me leva a mais frustração; se percebo essa verdade, tenho ainda necessidade de lutar contra a frustração? Não há então necessidade de observar o meu pensamento e o meu sentimento. Só observo meu pensamento e meu sentimento, a fim de modificá-los, de controlá-los e discipliná-los e adaptá-los, assim, a um determinado padrão de pensamento ou de ação. Mas o “eu” não é diferente dêsses pensamentos e dêsses sentimentos. O “eu” não pode alterar êsses pensamentos. Pode modificá-los, modificar o padrão, mas não efetuar uma revolução no pensar. Só é possível a revolução quando o “eu” não faz nenhum esforço consciente para modificar seus pensamentos e sentimentos.

Notai bem isso. Quando desejais alterar um determinado pensamento ou sentimento, fazeis um esforço deliberado, um esforço consciente, nêsse sentido; entretanto, êsse próprio esforço consciente é produto de luta, de dôr, de frustração, do desejo de um certo resultado. Representa, conseqüentemente, uma atividade planejada, da mente, do “eu”, do “ego”, de uma determinada operação do pensamento. Mas isso não é

revolução e, sim, apenas a continuação, sob forma modificada, de um determinado pensamento. Vê-se, pois, quanto é necessária uma revolução fundamental, uma revolução no inconsciente, a qual deve produzir-se sem nenhum esforço consciente da nossa parte. Essa transformação, essa revolução só é possível quando compreendo o processo total do meu pensar. Porque, compreendendo-o, nada faço deliberadamente, pois reconheço que qualquer ação consciente de minha parte constituirá um obstáculo àquela revolução inconsciente.

A revolução fundamental em nós mesmos se realiza sem nenhum ato de vontade. Enquanto estou agindo voluntariamente, com um determinado fim em vista, estou apenas cultivando, fortificando o “eu, o qual está sempre ansioso por algum resultado, por alguma alteração. Tende a bondade de refletir sobre isso; pois vereis que, enquanto desejardes operar uma determinada modificação de hábito, de pensamento, alterar uma determinada relação, libertar-vos do temor; enquanto entrardes em ação deliberada e conscientemente, para modificar o temor — vereis que nunca sereis bem-sucedidos. Mas se puderdes estar cômico de todo o processo de temor, sem tocades nêle, haveis de notar uma transformação, uma alteração radical, operada inconscientemente.

Mas o problema de quase todos nós, é o querermos agir e fazer modificações, e a nossa mente ser incapaz de operar qualquer alteração radical. A mente pode fazer modificações: jamais, porém, libertar-nos radicalmente do temor, porque ela própria é feita de temor. Assim, pois, se puderdes compreender êsse processo total; se, enquanto ouvis o que digo, o compreenderdes, notareis então que, não obstante os vossos es-

forços conscientes, uma transformação se processa, a qual libertará a mente consciente do temor.

A mente consciente não pode libertar-se de nada. Ela pode modificar, pode alterar; mas, no fundo, continua a existir o temor. Estar radicalmente livre do temor é estar côm-scio do temor e não tocá-lo, isto é, não julgá-lo, nem procurar fazer algo com relação a êle. É estar côm-scio, simplesmente, do temor, e permanecer tranqüilo. Isso produz uma revolução fundamental, na qual não há mais lugar para o temor.

30 de março de 1953.

— II —

A mente condicionada, a mente que está prêsa, limitada, restrita a várias formas de crenças, a numerosas experiências, a um determinado modo de conduta, a certos preconceitos, atitudes — a mente condicionada não é um dos principais fatores de confusão? É óbvio que uma mente assim gera confusão, pois cada um de nós está condicionado: vós, como cristão, outro como hinduista, ou budista, ou comunista ou socialista, etc. Assim sendo, quer êsse condicionamento seja imposto exteriormente, pela educação, quer seja imposto interiormente pelos nossos próprios temores, nossas experiências, nosso saber, nossas capacidades, a mente condicionada é incapaz de ser livre. E creio, só na liberdade pode descobrir-se o que é verdadeiro, e enquanto a mente estiver condicionada será incapaz dêsse descobrimento. Só no descobrimento do que é verdadeiro pode haver uma real harmonia, um verdadeiro amor entre os homens.

É possível ser-se livre dêsse condicionamento? E qual é o fator que concorre para sua formação? Se pudermos compreendê-lo, êsse fator, sem fazermos nenhum esforço para descondicionar a mente, talvez então compreendamos o que significa ser livre das várias limitações que a mente impôs a si mesma.

Afinal, cada sociedade, cada grupo de pessoas, as várias religiões impõem-nos certas condições. Desde pequenos, todos nós somos condicionados — climática, geográfica, religiosa, social, economicamente. Essas influências estão constantemente atuando em nossas mentes. E parecemos incapazes de libertar-nos desses condicionamentos que nos foram impostos desde a infância, ou das experiências que adquirimos — sendo experiência a conjunção do passado com o presente, no momento de cada reação.

É possível ficarmos livres desse condicionamento? Afinal, enquanto eu fôr hinduista, ou budista, ou cristão, penso na realidade ou em Deus segundo o molde em que fui criado; creio existe tão somente uma igreja pela qual se pode encontrar a salvação, ou que só há um sistema econômico pelo qual a sociedade poderá ser salva; ou tenho inumeráveis crenças, impostas ou cultivadas, produtos de minha ansiedade e temor. Positivamente, uma mente em tais condições é incapaz de encontrar qualquer realidade. Só pode encontrar o que foi condicionada para encontrar. Se sois condicionado de um modo e eu de outro modo, tem de haver confusão, discordância em nossa ação, em nossa atitude, e em nossas relações. Cada um de nós foi educado segundo um certo molde, e cada grupo separado, de pessoas, acredita ter encontrado, só êle, a certeza, a realidade, e que o seu sistema é o melhor de todos. Mas a vida está em constante movimento e não pode ser encerrada num determinado sistema de pensamento. Esta é a razão do perene conflito entre a mente condicionada e o movimento palpitante da vida.

Reconhecendo êsse fato, dizemos: “Não podemos descondicionar-nos?” — O que podemos fazer, por certo, é apenas adaptar a mente a um padrão melhor, um

melhor molde, torná-la mais sociável, mais moral. E pode uma mente, assim condicionada, encontrar a realidade? E qual é o fator que condiciona e limita a mente? Se compreendermos esse fator, talvez nos habilitemos a sair do condicionamento imediatamente. *O descondicionamento gradual da mente é realmente impossível*, porque no próprio processo de descondicionamento gradual, estamos a condicioná-la noutra direção.

Qual é, então, o fator que condiciona a mente? Não é o poder que tem a mente de adquirir e de conservar o que adquiriu? A mente está sempre em busca de saber, de segurança, de experiência. Ela se tornou um armazém. E através dessa cortina, constituída das coisas que adquirimos, traduzimos tudo o que encontramos. Enquanto a mente tiver o poder e a ânsia de adquirir, há de estar sempre condicionando a si mesma; nunca haverá de encontrar-se num estado de liberdade, pois estará limitada pelas suas próprias aquisições, pelo seu próprio saber, pela sua própria capacidade.

Pode, então, a mente, livrar-se desse poder de adquirir e reter o que adquiriu, seja saber, seja capacidade ou experiência? Não pode, a mente, deixar a experiência e o saber passarem por ela, sem entretanto a condicionarem? Não posso perceber como estou condicionado como hinduísta, como cristão ou o que quer seja, e compreender como esse condicionamento vem à existência, socialmente, moralmente, nas minhas relações? Não posso perceber como a mente, com esse condicionamento, tem um sentimento de segurança, um sentimento de ter adquirido conhecimento certo, experiência certa e de encerrar em si mesma a certeza? Não podemos traduzir em ação o nosso conhecimento,

sem que nossa mente seja limitada, condicionada por essa ação ou conhecimento?

Estas coisas têm de ser sentidas e pensadas de maneira completa. Não é questão de sermos convencidos ou persuadidos a adotar uma certa atitude. O que temos de investigar é se, estando condicionados, podemos, libertar-nos dêsse condicionamento, interiormente, totalmente. Porque, assim, pode dar-se a possibilidade de nossa mente tornar-se livre, profundamente, e descobrir o que é Real, o que é Deus. Se a mente não fôr capaz de libertar-se dessa constante aquisição — aquisição consistente em tornar-se alguma coisa, em estar certa, em proteger-se — se a mente continuar apegada a êsse poder de armazenar o que aprendeu, de acumular e conservar experiência, parece-me óbvio permanecerá sempre condicionada. Estamos experimentando constantemente; mas não pode a mente experimentar e deixar a experiência passar, sem retê-la, identificar-se com ela, ou chamá-la “minha”?

Sem dúvida, se pudermos sentir isso em tôda a plenitude — *não intelectualmente*, de forma abstrata, como uma idéia, — se pudermos realmente ver, sentir, e *diretamente conhecer* esta mente que adquire e armazena, para agir depois, compreenderemos então, com certeza, aquêlo estado em que a mente experimenta e deixa a experiência passar, sem se deixar prender por ela. Então, assim me parece, haverá uma liberdade real, e não a liberdade que se supõe existir dentro dos limites de um estado condicionado.

Como cristão ou hinduista, um homem pode dizer-se livre; mais isso não é liberdade. “Ser livre”, dentro de um estado condicionado, é continuar condicionado, do mesmo modo; e é bem evidente que, nêsse

estado, não se pode descobrir aquilo que é o Real, o Supremo. Tôda "projeção" da mente condicionada é sempre resultado de sua própria experiência, produto de seu condicionamento formado no passado. Assim, pois, sabendo que estou condicionado e conhecendo os fatores, as causas que me condicionam, posso estar côm-scio de tudo isso de tal maneira que, sem esforço nem ação da vontade, eu possa deixar a experiência, o saber passar pela mente sem prendê-la? Afinal de contas, a mente é só memória, não? ela é o passado, pertence ao tempo. E, em geral, estamos sempre ocupados com nossas lembranças. Não podemos deliberadamente desfazer-nos da memória; *mas podemos deixar as lembranças passarem pela mente sem a corromperem, sem ficarmos ocupados com nenhuma lembrança determinada, agradável ou desagradável.* O que condiciona a mente é êsse interêsse por uma determinada lembrança da infância ou de ontem, que adquirí e a que me apego.

Pode-se investigar todo êsse processo de aquisição, e ficar-se livre dêle? Parecemos pensar que não poderemos ter liberdade, enquanto estivermos econômicamente inibidos. Talvez estejamos condenados a estar sempre inibidos econômicamente. Não creio a liberdade resida nêsse enderêço. Mas talvez ela possa ser encontrada se, em vez de buscarmos o confôrto físico, nos libertarmos do impulso aquisitivo e de todo condicionamento, de modo que a mente possa achar-se sempre num estado de quietude, de tranqüilidade, sem ser perturbada por nenhuma experiência e nenhuma sombra. Por certo, um tal estado é necessário, se desejamos saber o que é real, o que é a verdadeira criação.

PERGUNTA: Estou sempre insatisfeito. Onde encontrar o alimento que me satisfaça para sempre?

KRISHNAMURTI: Queremos alcançar um estado de satisfação, não é verdade? Desejamos preencher-nos numa ação, numa pessoa, numa idéia. Por isso, tentamos várias coisas, sucessivamente: ora aderimos a um grupo ou sociedade, ora a outro; adotamos certas idéias ou crenças, e as abandonamos quando já não nos satisfazem, já não nos dão o que desejamos. E assim continuamos, num movimento constante e perpétuamente famintos. A fome só se torna dolorosa quando não se encontra com que saciá-la. Mas assim que se encontra algo que a sacie, não há mais dor. Sofro somente, quando não encontro alimento para matar a minha fome. Mas, se o encontro, não soffro mais.

Nestas condições, porque tenho fome, isto é, porque me sinto insuficiente e frustrado, interiormente, desejo achar algo que me proporcione perene satisfação, felicidade. Por isso procuro e tento uma coisa após outra. Tal é o nosso estado, não é verdade? Estamos descontentes, famintos, frustrados; e, por essa razão, desejamos encontrar uma saída para alguma parte, onde encontremos a satisfação, onde não exista frustração. E, assim, procuro acalmar o meu descontentamento por meio de teorias e explicações, ou identificando-me com o Estado, lançando-me a alguma atividade social, ou aderindo a uma sociedade, a um grupo religioso. Mas a fome continua sempre: continuam a ansiedade, o temor, a insatisfação.

Por que, porém, não permanecermos insatisfeitos? Que mal há na insatisfação? Ela, sem dúvida, se torna dolorosa apenas, quando quero alterá-la. A insatisfa-

ção, em si, não é dolorosa. É só quando me ponho a sonhar com a satisfação, é só em relação com a satisfação, que se manifesta a dôr aguda da insatisfação. E assim, sentindo-me insatisfeito, busco a satisfação. E não a encontrando, sofro. Ponho-me, então, a andar de porta em porta, de Mestre para Mestre, de santo para santo, de um instrutor para outro; pois minha intenção é achar a satisfação, a paz perpétua. Em mim mesmo estou em agitação, confuso, frustrado; e não encontrando meios de alterar o estado em que me acho, resulta, *daí*, sofrimento.

Nessas condições, *posso compreender o que é a insatisfação, em vez de indagar como transformá-la, como tornar-me satisfeito?* É muito simples — não é? — achar uma maneira de satisfazer-me: basta-me tomar um narcótico, condicionar-me de acôrdo com certas crenças, lançar-me a atividades sociais, políticas, seguir alguma autoridade, etc. Dêsse modo, é muito fácil encontrar-se satisfação; mas, no fundo dessa satisfação, existe sempre dôr e temor. Se, entretanto, eu compreender a insatisfação — esta chama, este elemento sempre ativo, que indaga, busca, e jamais se contenta — então, é bem provável, a coisa essencial seja essa compreensão, e não a satisfação. Se sou incapaz de constante investigação e vigilância das coisas que sucedem e tomam forma em mim — pensamentos, sentimentos, experiências — se não sou capaz dessa indagação, dêsse investigar, só aí se torna dolorosa a insatisfação. E tento fugir a essa dôr, procuro um alimento que me dê perene satisfação.

Não é necessário estarmos insatisfeitos, em vez de buscarmos um fácil meio de aplacar-nos a insatisfação? *A insatisfação, esse sentimento que nos impele a descobrir o que é verdadeiro, a estar interiormente em re-*

volução, é uma coisa essencial, não achais? Esta chama nos dará uma vida nova, uma nova relação com tôdas as coisas que a mente inventa, consumindo, dessarte, o poder da mente de criar ilusões. A experiência não pode consumir êsse poder de criar ilusões, porque a experiência gera ilusão. É só a compreensão da função acumulativa da experiência, que dá liberdade.

Não importa, pois, que deixemos de buscar a satisfação, o contentamento, o alimento que nutre para todo o sempre, o maná do céu — não importa que deixemos de pedi-lo? Porque, quando pedimos, nos é dado; e o que se nos dá se converte em cinzas. Não é importante termos essa capacidade de estar insatisfeitos — talvez não seja esta a palavra adequada — temos aquêlê sentimento que não se satisfaz facilmente, que nunca busca a satisfação sob forma alguma; que nos achemos, por conseguinte, naquele estado de revolução permanente, que não significa duvidar — o duvidar não tem cabida aqui — mas, sim, indagar, sondar, pesquisar? uma mente assim não pode ser condicionada, porque nunca tem um pouso fixo e a coisa alguma chama, jamais, “minha”.

Por certo, necessitamos de uma mente dessa espécie. No momento, porém, em que dizeis “Como posso ter uma tal mente?” — *o método se vos torna um fator de condicionamento.* Se podemos perceber a verdade disso, *sentí-la* interiormente, e não apenas intelectual ou verbalmente, então está-se realizando uma revolução inconsciente; então a mente já não está satisfeita; nunca pode estar satisfeita; não está pensando mais em termos referentes à satisfação. E, por conseguinte, já não está a mente prêsa na rêde da frustração, da desesperança, ou da esperança; não está compreendida nessa terminologia ou nessa esfera.

Assim sendo, pode a mente, podemos nós — vós e eu — que somos pessoas comuns, que não somos gênios mas pessoas medíocres, em luta constante; podemos nós libertar-nos dessa ânsia de satisfação? Porque, quando nos vemos satisfeitos deixamos de ser criadores. Criação não significa apenas escrever um poema ou pintar um quadro; não estou falando dessa espécie de criação. Não falo das “projeções” que a mente cria e chama Realidade, mas daquela realidade que surge quando a mente está apta a recebê-la, e que, só ela, é criadora. Não deve a mente, por conseguinte, achar-se sempre em revolução, nunca adquirindo, nunca encontrando um lugar onde se sinta em segurança; estar, sempre naquele estado em que nenhuma experiência possa enriquecê-la? Porque, no momento em que vos sentis enriquecidos, acabou-se a revolução e, por conseguinte, a criação.

Assim sendo, não pode a mente que busca alimento para sua satisfação, viver num estado atemporal, de não-aquisição, de modo que não esteja mais lutando e se encontre, por essa razão, extraordinariamente tranquila? Porque, nessa tranquilidade, talvez possa surgir aquilo que é criador, que é atemporal.

PERGUNTA: O sono é necessário ao funcionamento adequado do corpo físico. Afora isso, qual é a função do sono?

KRISHNAMURTI: Sem concebermos tãda espécie de disparate místico a respeito do sono e do que acontece durante o sono (vós conheceis tãdas as coisas que costumamos inventar), não podemos averiguar o que realmente sucede, estudar a verdade relativa ao sono, não a invenção da mente, não aquilo que a mente gos-

taria que fôsse? Porque, de fato, alguma coisa acontece durante o sono. Resolvem-se problemas, e fazem-se novos descobrimentos. Depois de refletir sobre um problema dias seguidos, a solução pode se nos revelar súbitamente, no sono. O sono é necessário. E talvez, se o compreendermos, se o investigarmos, possamos descobrir o que acontece, realmente, *não* teoricamente, não o que gostaríamos acontecesse, não as explicações inventadas por certas sociedades, sobre o que acontece durante o sono. Mas não podemos nós, pondo tudo isso de parte, investigá-lo realmente, profundamente, e descobrir a verdade a seu respeito?

Obviamente, o sono é essencial não só ao bem-estar físico mas também ao bem-estar psicológico. Porque, é evidente, durante esse período, a mente, a chamada mente consciente, a mente ativa, a mente comum, a mente que vai ao escritório todos os dias, a mente que está amarrada à cozinha, a mente peguilhenta e pugnaz, a mente que anda perpetuamente ocupada com alguma coisa estúpida, com o que diz o vizinho, com a Coroação, ⁽¹⁾ etc., essa mente está tranqüila, realmente tranqüila, quando dormis. Entretanto, esta é apenas uma parte da mente, a parte mais superficial. O resto da mente continua a funcionar. A mente, sem dúvida nenhuma, jamais dorme. Isto pode observar-se quando temos um problema profundo, uma perturbação ou ansiedade profunda, uma questão fundamental, que resolvemos na consciência desperta, sem encontrar solução; entretanto, depois de desistirmos de encontrá-la, a mente mais profunda, que nunca dorme, continua a indagar, a investigar. E porque investiga livre da interferência da mente superficial — a que se ocupa com

(1) — Alusão às festas da coroação da rainha Elizabeth II, em Londres, em 1953.

as coisas triviais da vida diária — a mente mais profunda está mais apta a investigar. Eis porque, às vezes, despertando súbitamente pela manhã, exclamamos: “Extraordinário! Aqui está a solução”. Ou, também, se apresenta uma idéia nova, uma nova perspectiva, uma impressão nova. Essa nova impressão surge — não é exato? — quando a chamada mente superficial está tranqüila. Luto com um problema, considero-o sob todos os aspectos, converso e discuto a respeito dêlé; e quando, desistindo de encontrar a solução, adormeço, surge a solução correta. Isso tem acontecido a todos nós, e a razão talvez esteja em a mente superficial não intervir.

Consequentemente, o sono é muito importante. Entretanto, quase todos nós vivemos e agimos no nível superficial da mente, sem nunca tocarmos a outra parte. Talvez, em certas ocasiões, por meio de sonhos, a outra parte apresente sugestões; mas essas sugestões são traduzidas pela mente trivial; e a própria tradução transforma aquilo que tem significação numa coisa trivial.

Assim, pois, tanto o dormir como o estar desperto, o estar completamente desperto durante o dia, têm igual significação, não achais? Não me é possível, durante o dia, não ser escravo da mente superficial, mas manter-me vigilante de todo o “processo” da mente, de todos os diferentes níveis da consciência; não viver simplesmente num determinado nível, o nível que eu escolho, o nível a respeito do qual eu disse “Este é o estado perfeito, e nêlé vou viver?” Não podemos durante o dia estar conscientes do processo total da mente e não apenas de um segmento dêlé? Esse processo pode ser compreendido mais claramente no sono; e, assim, a cons-

ciência da vigília se torna, também, muito mais significativa.

Nessas condições, o que é importante não é o que acontece durante o sono nem a interpretação dos sonhos, com tôdas as suas complicações, mas, sim, o estar vigilante, observando o processo integral da mente, da consciência, durante o dia, de modo que, de noite, o sono se transforme numa compreensão mais profunda, mais penetrante, de tudo o que se passa. Durante o sono, apresenta-se um grande número de sugestões que a mente consciente nunca é capaz de conceber.

Mas enquanto houver um intérprete, o tradutor, o censor, aquêle que julga e condena, o processo total da consciência não será compreendido. Não pode haver uma entidade distinta, observando a consciência e traduzindo as sugestões. O processo total não pode ser compreendido pela parte, pela entidade que observa e traduz. Eis porque é necessária uma mente silenciosa, uma mente que não condena, que não julga. Então, o processo total da consciência se revela em cada ação e em cada palavra. Por conseguinte, tanto a consciência que está desperta como a que dorme são muito importantes; porque então as profundezas maiores da consciência são reveladas.

PERGUNTA: Morreu meu filho. Como hei de enfrentar esse pesar?

KRISHNAMURTI: Na realidade, como enfrentamos a provação? Alguma vez lhe fazemos frente? Não sabemos *o que é* o pesar, pois estamos sempre a fugir dêle. É só isso que sabemos. Se sei enfrentá-lo, se sei encarar o fato, então o fato produzirá um certo efeito em mim. *Nada posso fazer com relação ao fato, mas*

desejo sempre fazer alguma coisa. E, assim, o meu próprio desejo de traduzir, de interpretar o fato, ajuda-me a fugir dele.

Observai o que acontece realmente. Morreu meu filho, e estou cheio de pesar. Por isso, minha mente, no seu sofrimento, na sua ansiedade, no seu temor, deseja um certo consôlo. A reação natural — *não* a reação cultivada — é esta: desejo consôlo para minha dor, para meu temor, minha solidão. Recorro, assim, a alguma coisa — a uma crença, ao espiritismo, aos médiums, à reencarnação, ou à racionalização do fato da morte — esperando encontrar alguma certeza. A mente, pois, está sempre muito ativa com relação ao fato. O fato é este: meu filho morreu. E sou incapaz de enfrentá-lo. Por isso, a mente começa a inventar, a simbolizar, a procurar certeza, esperança, em alguma coisa. *Por conseguinte, a mente nunca enfrenta o pesar.*

Quanto dizeis: “como enfrentar o pesar?” — o que realmente vos interessa não é enfrentar o pesar, mas, sim, saber “como deveis ocupar-vos com relação ao pesar; o que deveis fazer com relação a êle; com que atitude, por que padrão deveis julgá-lo”. Assim, pois, o que realmente vos interessa não é fazer frente ao sofrimento, mas como ter a atitude defensiva, adequada a enfrentá-lo. Afinal de contas, se creio na reencarnação, se creio tornarei a encontrar o meu filho na próxima vida, não estou enfrentando o pesar. Ou, se vou a uma sessão espírita, naturalmente não estou enfrentando o meu pesar. Ou, se procuro esquecê-lo, dedicando-me a atividades sociais, das mais diversas maneiras, estou ainda evitando o sofrimento. E isso é o que na verdade estamos fazendo.

Se desejo fazer frente à provação, não deve a minha mente fugir ao fato — o que não significa eu aceite

o fato. O fato é um fato, quer eu o aceite, que não. Ele é *assim*. Se cultivo a atitude de aceitação, então mais uma vez me impeço de enfrentar o fato. Assim, a mente está perenemente encontrando meios e modos de não enfrentar o pesar. E entretanto o pesar só pode ser compreendido, quando o enfrentamos. E só podemos enfrentá-lo se nossa mente está deveras tranqüila, não interpretando, não aceitando, não procurando razões e explicações, não se comprazendo com teorias e especulações.

Quando minha mente está de todo tranqüila, não porque deseja compreender o fato, mas por conhecer o seu próprio processo, só então posso enfrentar a extraordinária experiência da morte, aquêle desconhecimento, aquêle sentimento de não saber o que é a morte. malgrado, todos os livros que se têm escrito a seu respeito. Só quando a mente está tranqüila, completamente tranqüila, posso compreender o fato, que é êste: há pesar, e nenhuma explicação. — Por certo, num tal estado da mente, em que ela se acha completamente silenciosa em presença do fato da morte, algo extraordinário acontece. Isto não é uma promessa. Por conseguinte, não deveis cultivar a tranqüilidade da mente. Quando a mente, porém não procura solução nenhuma, quando não tem crenças nem esperanças e está completamente silenciosa, então ela pode enfrentar o pesar. E, nêsse estado, o pesar desaparece.

31 de março de 1953

— III —

Se pudermos descobrir os verdadeiros fatores da deterioração, talvez possamos abolir definitivamente a nossa mediocridade e alcançar a compreensão ou o sentimento do “estado criador”.

Um dos nossos problemas — talvez o principal — não é este, o de permanentemente vivermos á sombra da morte, da deterioração, da decomposição? As circunstâncias e as várias exigências do meio ambiente fazem-nos mediocres, limitados, ineptos, e não tarda a deterioração, não só física, mas também aquela deterioração muito mais grave que é a deterioração psicológica. Talvez, se pudermos discernir com clareza o que estamos procurando, o que buscamos, o que queremos — talvez possamos então resolver este problema da mediocridade e da decomposição.

Por que é que quase todos nós somos interiormente tão vazios e tão infelizes? Por que estamos sempre procurando, desejando, coisas, lutando por descobrir, por alcançar algo que parecemos incapazes de obter? Não é este um dos nossos problemas? Se pudermos discernir realmente o que estamos procurando, talvez possamos sustar ou transcender esta decomposição psicológica, a mediocridade da mente.

Podemos ver, a maioria de nós que, num nível, buscamos o conforto ,o bem-estar físico: queremos uma situação folgada, ter dinheiro, amor, posses, viajar e ter a possibilidade de fazer certas coisas. No nível superficial, é isso o que desejamos. Noutro nível, um pouquinho mais profundo, queremos felicidade ,liberdade, queremos ter a capacidade de fazer coisas espetaculares, grandiosas ,magníficas. E, se vamos um pouco mais profundamente, desejamos descobrir o que está além da morte, e o que é o amor, desejamos trabalhar por um ideal, pelo estado perfeito. E ,mais profundamente ainda, aspiramos a descobrir o que é a Realidade, o que é Deus, que é essa coisa tão fecunda e sempre nova. E vemo-nos enleados, no meio de todos esses níveis. Gostaríamos de ter tudo junto. Desejamos viver em relações perfeitas, em cooperação, exercer uma profissão adequada, etc. Andamos constantemente à procura de alguma coisa, ainda que não estejamos perfeitamente cientes disso. Talvez nunca tenhamos investigado bem a questão. Andamos à deriva, impelidos pelas circunstâncias, até chegar a morte, que é o fim de tudo, ou, porventura, o começo de uma nova tortura.

Assim, pois, nunca nos acalmamos um pouco para fazer um exame de nós mesmos e procurar discernir o que estamos buscando. Acredito se pudermos averiguar isso — o que desejamos — não meramente no nível superficial, porém fundamentalmente, profundamente, acho que seremos então capazes de resolver o problema da mediocridade e da decomposição. Pois, em geral, somos medíocres. Não há nada vital, nada novo, nada criador, em nós. Tudo o que criamos é tão vazio, tão vulgar e sem significação! Não cumpre, portanto, averiguarmos o que é que queremos?

Se realmente examinarmos esta questão, veremos o que desejamos é algo que seja permanente: amor permanente, paz permanente, alegria imperecível, a realização de alguma beleza, de alguma perfeição. Queremos, não é verdade? — queremos um estado em que haja alegria e permanência. É o que quase todos nós estamos procurando: um estado permanente, uma coisa que não possa ser destruída pela mente, pelas circunstâncias nem por enfermidade física; algo que esteja além da mente, uma alegria não dependente do corpo, uma ação criadora independente da influência estiolante da mente. É isso, por certo, o que quase todos nós desejamos. Talvez não, quando somos jovens; todavia ao nos tornarmos mais velhos, mais refletidos, mais amadurecidos, desejamos algo que seja permanente. É isso o que procura a maioria de nós, não é verdade? Podeis expressá-lo com nomes diferentes, se quiserdes, mas é nessa direção que estamos lutando.

Ora, *existe alguma coisa que seja permanente?* Embora eu o deseje, embora no meu ansiar, na minha busca eu tenha em mira constantemente aquêlê estado que nunca possa ser destruído, um estado existente além da mente, — há de fato alguma coisa que seja permanente e alcançável pela mente? Em geral, nós desejamos uma relação permanente de amor, uma experiência permanente, livre do tempo, uma coisa indestrutível. Isso é o que quase todos nós desejamos, quando ultrapassamos as exigências superficiais, imediatas. Mas essa exigência, êsse desejo da permanência da experiência, do conhecimento, êsse desejo da continuidade de um certo estado não constitui um dos principais fatores de deterioração? Pois, existe alguma coisa que seja permanente? Entretanto, a mente vive numa constante perseguição, numa constante busca de um

estado que se conserve sempre o mesmo. Se tenho uma experiência que me proporciona alegria, desejo esse estado continui para sempre; não quero ser tirado dêle por nenhuma perturbação. A mente se prende a essa experiência. Nessas condições, se desejo esclarecer-me, não devo inquirir se existe de fato alguma coisa que seja permanente? Ora, para descobrir se, além da mente, existe algo, não devo afastar de mim todo e qualquer desejo de estado contínuo? Porque, afinal para alcançar o "estado criador" — não a mera capacidade de escrever um poema ou pintar um quadro, mas a ação criadora, livre do tempo, que não é invenção da mente, que não é mera capacidade ou talento, mas fôrça criadora que se renova incessantemente; para alcançar esse estado criador, não deve a mente ser capaz de investigação entusiástica e persistente? Em geral, quando ficamos mais velhos, perdemos o entusiasmo. Não me refiro ao entusiasmo superficial de certas ações: o entusiasmo de quem investiga com um fim em vista, de quem espera alguma recompensa — mas àquele entusiasmo que não depende do corpo, — que sonda, indaga, busca, incessantemente, e nunca se satisfaz.

Pois, bem para se ser livre para investigar, não se requer virtude? Mas a virtude que nos dá liberdade não é a virtude que se pode perseguir, prender e cultivar, pois esta só cria respeitabilidade, que é o signo da mediocridade. *Mas, sem cultivarmos a virtude, não é essencial sejamos virtuosos, se desejamos descobrir o que é verdadeiro, sem nenhuma ilusão?* Desejo, pois, descobrir se além da mente existe alguma coisa que tenha permanência. O descobrir exige liberdade na investigação, requer aquela extraordinária vitalidade mental que não depende do estado físico. Para investigar, necessitamos de liberdade; e a virtude dá-nos essa liber-

dade — mas *não* a virtude que se cultiva, pois esta é meramente uma escravidão .

Assim, para se investigar, para se descobrir, não é necessária *aquela singeleza que se não deixa contaminar pela experiência?* Porque se a experiência nos serve de guia, no investigar, então ela nos condiciona o pensamento, não é exato? Qualquer experiência que eu tenha condiciona tôdas as experiências futuras. Todo conhecimento condiciona o futuro conhecimento, não é verdade? — porque minha experiência interpreta tôdas as minhas reações. Tôdas as experiências são traduzidas através da experiência passada. Assim, a experiência nunca é libertadora; é sempre um fator de condicionamento. Pode, pois, a mente ser singela, livre do conhecimento, da memória, da experiência? Porque isso é que é singeleza, não achais? A mente que está carregada de conhecimentos, de experiência, de memória, não é singela.

Assim, pois, para se descobrir se existe um estado permanente, não se requer aquela virtude, aquêle entusiasmo e aquela singeleza? Só então — assim me parece — poderemos transcender as exigências da mente. Pois a mente, quando investiga, não pode encontrar o que é verdadeiro. A mente só pode “projetar” suas experiências passadas; e o que achar será os efeitos do seu próprio condicionamento, seu próprio conhecimento, sua própria experiência.

Pode-se, pois, descobrir o que é criação, ou Deus (ou qualquer nome que preferirdes)? Porque êsse é o único fator que renova tôdas as coisas. Embora eu habite com a morte, esta tem significação inteiramente diferente quando há criação. A criação liberta a mente da mediocridade e da deterioração. E se é êste o estado que procuro, necessito de visão muito clara, a fim de não

criar ilusão e de libertar a mente para o verdadeiro descobrir; o que significa que ela, a mente, deve achar-se totalmente tranqüila, para descobrir. Porque o estado criador não pode ser chamado; êle tem de vir por si. Deus não pode ser chamado: êle deve vir. Mas não virá se a mente não fôr livre. Mas essa liberdade não é produto de disciplina.

Nosso problema, com efeito, é muito complexo. Inconscientemente, estamos sempre buscando, exigindo, ansiando uma qualidade permanente, um estado permanente. E êsse desejo de permanência, de segurança, acarreta a mediocridade e a deterioração. Porque o que queremos é isto: segurança psicológica, não é exato? E por modos e meios tortuosos, tentamos conseguí-la. Mas, uma vez compreendamos que, realmente, não existe coisa tal como a segurança psicológica, não haverá mais decomposição, não é verdade? — porque então não haverá nenhum ponto de parada. Só há decomposição na permanência, na continuidade. Mas quando há um fim constante, um morrer constante, há então renovação constante, *não* continua. Não se trata de algo místico se realmente ouvís o que estou dizendo, experimentareis, então, diretamente alguma coisa que liberta a mente de todo este horror de tentar por-se em segurança em algum canto. Só quando a mente é efetivamente livre, torna-se ela capaz de receber o que é criador.

PERGUNTA: Que desejais, afinal, fazer? E o estais fazendo realmente? Ou só tendes vontade de falar?

KRISHNAMURTI: Não desejo voltar a vossa pergunta contra vós mesmo, mas — Por que vos encontrais aqui? Por que me escutais? Por que vindes assistir a

estas reuniões? Talvez eu possa explicar a razão por que falo, mas não é muito mais importante que descubrais a razão por aqui estais? Porque, se aqui estais meramente para ouvir mais um discurso, mais uma conferência, ou com o desejo de aprender qualquer coisa misteriosa, isso, sem dúvida, representa uma absoluta perda de tempo, não? Mas se viestes com o propósito de investigar, de descobrir realmente, por vós mesmo, de experimentar realmente, nesse caso é muito importante discernir a relação existente entre vós e mim. Se nossa relação é a de um que dá instrução e de outro que a recebe e segue, nesse caso nunca fareis descobrimento nenhum, e sereis um mero seguidor. Não há então criação, não há renovação em vós mesmo. E se estais meramente escutando com o fim de descobrir um estado, um sentimento que possais levar para casa e guardar, então, evidentemente, não são mútuas as nossas relações.

Mas se, enquanto escutais, estais descobrindo como a vossa mente pensa, opera, funciona, — e nisso se resume todo o problema da existência — então, se descobris e compreendeis tal coisa, vossa presença aqui tem muita importância, não é verdade? Se quando escutais, dá-se um despertar, uma revolução, no verdadeiro sentido da palavra, uma revolução interior, uma revolução psicológica profunda, que vos traga uma compreensão mais ampla e mais significativa, então é importantíssima a vossa presença aqui.

E, que estou eu tentando fazer? O falar é apenas um meio de comunicação, não é verdade? Desejo comunicar-vos algo, talvez a maneira de descobrires o que é a realidade — Não a maneira compreendida como sistema, mas como deveis aplicarvos a êsse descobrimento. E se a puderdes achar por vós mesmo, então não

será só um a falar; todos nós haveremos de falar, todos *quereremos expressar aquela realidade que raíou nas nossas vidas, onde quer que estejamos*. Isto é que é importante, não achais? Porque uma voz isolada tem muito pouco pêso num mundo cheio de confusão e tumulto. Mas se cada um de nós estiver descobrindo a realidade, seremos então mais numerosos. E, nessas condições, talvez possamos fazer nascer um mundo totalmente diferente. É por isso que eu falo, e espero que seja por isso que vos achais aqui — porque, então, cada um de nós será conhecedor de si mesmo, cada um será criador, livre para descobrir o que é a verdade, a realidade, Deus, não ao cabo de certo tempo, mas em cada momento que passa, sem senso acumulativo.

A verdade não pode ser acumulada. O que se acumula é sempre destruído, sempre fenece. A verdade nunca fenece, porque só pode ser encontrada de momento a momento, em cada pensamento, cada relação, cada palavra, cada gesto, num sorriso, numa lágrima. E se vós e eu pudermos achá-la, e *vivê-la* — o próprio viver é o descobrimento dela — não seremos então propagandistas, mas entes humanos criadores; não entes humanos perfeitos, mas criadores, que é coisa muitíssimo diferente. É por isso, acho eu, que estou falando, e talvez seja por isso que aqui me estais escutando.

PERGUNTA: Como posso libertar-me do meu condicionamento?

KRISHNAMURTI: Sendo esta uma questão bastante importante e complexa, examinemo-la com paciência. Porque, talvez, se entrarmos muito cuidadosamente no problema, possamos libertar, de pronto, a mente do seu condicionamento.

Quase todos nós estamos condicionados, não é exato? Podemos não estar cõscios dêsse fato, mas estamos condicionados: como cristãos, como inglêses, franceses, alemães, comunistas, hinduistas, etc. — todos estamos condicionados. Isto é, eu tenho certas crenças, certas experiências, conhecimentos que me foram impostos desde a meninice, pela educação, por várias formas de compulsão; e, também, tenho sido condicionado por minhas próprias experiências. Religiosamente, vós e eu estamos condicionados; e, também, politicamente, economicamente, de várias maneiras, enfim, consciente ou inconscientemente, estamos condicionados. Podemos não percebê-lo. Mas, quando o percebemos, que acontece?

Percebo, por exemplo, que estou condicionado como hinduista, com certas crenças. E achando-me insatisfeito com essas crenças, volto-me para outras formas de crença: torno-me cristão, budista, comunista. Meu movimento, pois, é sempre do que sou para algo que me parece melhor. É isso o que está sucedendo constantemente, não é verdade?

Estou sempre procurando afastar-me do que sou, — e espero quebrar o que sou, o estado condicionado em que vivo, se puder passar para algo melhor, para outra espécie de condicionamento. É sempre assim que acontece, não é exato?

Tende paciência, não estou propondo uma questão para ser discutida e esmiuçada, mas expondo algo que de fato está ocorrendo na nossa vida de cada dia. Estamos nos movendo de um estado condicionado para outro estado condicionado que pensamos ser melhor, mais amplo, mais significativo, mais valioso, mais útil, etc. E quando o autor desta pergunta diz: "Posso libertar-me do meu condicionamento?" — tenciona tor-

nar-se *inteiramente livre, totalmente livre*, ou está apenas pedindo que se lhe indique um condicionamento melhor? Desejo, como hinduista, quebrar o meu condicionamento, completamente, totalmente, ou desejo passar a outro condicionamento melhor?

Fazei-vos por favor esta pergunta. Porque nela está contida a resposta, a resposta correta, a verdade atinente ao caso. Quando estou cômico do condicionamento, desejo quebrá-lo totalmente ou apenas passar a um condicionamento melhor, um condicionamento superior? Se só desejo passar a um condicionamento melhor, então o problema é de todo diferente. Pode haver um condicionamento melhor, e pode também não haver. O outro condicionamento pode ser apenas outra ilusão que se apoderará da minha mente. Mas se desejo descobrir e quebrar totalmente o meu condicionamento, aí, então, meu problema é muito diferente. Porque já não estou interessado em passar para outra coisa. Só me interessa estar bem cômico do processo total do condicionamento.

Pois bem, se estou cômico do processo de meu condicionamento, qual é a coisa que me está condicionando? Que é que condiciona a mente? Sou hinduista. Que é um hinduista? Certas tradições, crenças, costumes, etc. — tudo meras idéias, pensamentos, não é verdade? Vós, como cristão, estais condicionado por outras idéias, outras crenças. O indivíduo, pois, é condicionado por uma idéia. Enquanto houver idéia, haverá condicionamento. Quando creio como hinduista, essa crença me condiciona. Quando crêdes em certas formas de salvação, essa idéia vos condiciona. O condicionamento se efetua, pois, quando há idéia.

E quando dizeis: “Desejo estar livre de condicionamento”, qual é vossa reação imediata? Estais com-

preendendo? Isto é, eu digo que “preciso estar livre de condicionamento”. A reação imediata a esta pergunta é: “*Como tornar-me livre?*” O “como” se torna, pois, importantíssimo; o “como” é a reação imediata, não é exato? Se estou cômico do meu condicionamento e reconheço a importância de quebrá-lo, a reação imediata é a pergunta: “*Como quebrá-lo?*”.

O “como”, pois, é também idéia, não é? De novo estou colhido na rede da idéia, que é agora: “*Como quebrar o condicionamento?*” Enquanto, pois, eu observar o meu condicionamento com a idéia de “como quebrá-lo”, o “como” cria outro padrão, em que a mente se enreda.

Assim sendo, de que maneira aprecio o meu condicionamento? Com uma idéia? Ou diligencio quebrá-lo? Não sei se estou falando claro. Porque eu penso que é muito importante descobrirmos se estamos lidando com uma *idéia* ou com uma *realidade*. Pois, afinal de contas, se me denomino comunista, tenho certas idéias; e quando desejo quebrar essas idéias, faço-o introduzindo outra série de idéias, não é verdade? Estou, portanto, sempre lidando com idéias. E as idéias são, evidentemente, o fator que condiciona.

Assim, enquanto eu estiver lidando com idéias perdurará o condicionamento. Porque o meu estado condicionado é meramente um conjunto de idéias. Portanto, não posso quebrar esse condicionamento por meio de outras idéias, mas só ficando inteiramente livre da idéia. Como cristão, creio num Salvador; isto é uma idéia. E para libertar-me desse condicionamento, não devo introduzir outra idéia. Entretanto, é isso o que a mente está sempre fazendo. *Só serei livre quando não houver mais idéia*. Vemos, pois, a mente condicionada nunca pode libertar-se por meio de idéias; por-

que as próprias idéias, o pensamento, a crença, condicionam a mente. Só quando a mente está livre da criação de idéias, há libertação imediata do seu condicionamento.

PERGUNTA: Pratiquei más ações no passado. Como posso agora alcançar a paz de espírito?

KRISHNAMURTI: Todos nós cometemos erros, não é verdade? Todos temos ofendido outras pessoas e cometido erros graves. E eles deixaram uma marca, um pesar, um arrependimento. E como pode uma pessoa ficar livre do erro que cometeu? O arrependimento dissolverá o erro? O mal está feito. Meu arrependimento pode apagá-lo? Se o chamo "pecado", apago-o? Se o confesso a vós, apago-o? Que é que pode libertar-me a mente, o ser, a minha consciência, do erro, do grave erro que cometi?

Sem dúvida, este é o nosso problema, não? Porque, quando dizemos, "nunca devemos cometer erros", estamos trabalhando em prol de um ideal — o homem perfeito — que será outra idéia a condicionar a nossa mente. Cometemos erros; isto é um fato. Como devemos, pois, proceder com relação a um erro que cometemos, um erro grave?

Ora, que faz a mente, com relação a esse erro? Como reage a mente? Sei que cometi um erro: ofendi uma pessoa. Quedevo fazer? Posso ir pedir-lhe desculpas; mas o fato persiste: Pratiquei uma ação má. Ora, como reage a mente a esse fato? Qual a ação imediata? Desejo corrigir o erro, não é verdade? Já o corriji de certa maneira, pedindo desculpas á pessoa ofendida, etc. É o que se faz, ordinariamente. Mas o

erro, a ofensa persiste. Não me importa, pois, descobrir como a mente reage com relação ao erro que cometi?

Não se mantém ela ocupada com esse erro, consolidando-o, exagerando-o, sempre aflita por causa d'êlé, sempre sonhando com êle e condenando-se a si mesma? É assim que quase todos nós procedemos, não é verdade? Nessas condições, *a própria ocupação da mente com um erro já cometido, torna-se outro erro*. Dai resulta a idéia de perdão, de arrependimento, etc., a contínua preocupação da mente por causa de um erro. O mal está feito, e já procurastes corrigi-lo; entretanto, a preocupação da mente, por causa do erro, é outra maneira, inteiramente ineficaz, de tentar corrigi-lo. Nestas condições, se me preocupo constantemente com aquela falta, aquêlé erro, aquela ofensa; se minha mente se mantém ocupada com o caso — êle se torna uma idéia fixa, uma nova barreira, não é verdade? O fato é este: cometi um erro; o que agora deve interessar-me é só discernir a razão por que a mente não só se mantém ocupada com esse erro, mas também tanto se aflige por estar sujeita a errar. Porque, enquanto vivermos, haveremos sempre de ofender-nos mutuamente, de uma ou de outra maneira. Embora eu não deseje maguar-vos e vós não desejeis maguar-me, o fato é que nos estamos sempre ofendendo mutuamente, por maneiras sutis. Que devo fazer, então? Retirar-me completamente para o isolamento? Minha própria existência, meu próprio bafo é destrutivo; estou sempre explorando alguém, e alguém também me explora. Compreendendo isso, devo recolher-me ao isolamento e não mais me mexer?

Mas, se, ao contrário, eu souber enfrentar os erros, as faltas que cometi, haverá então liberdade, não achais? Saberei então o que devo fazer. Não digo pa-

ra mim mesmo que a entidade perfeita nunca erra. Não posso, depois de cometer um erro, reconhecê-lo e, em seguida, largá-lo, i.e. não me ocupar mais com êle? Porque, *com isto se dá liberdade à mente: estar côm scio do erro cometido, reconhecê-lo, fazer o que tem de ser feito e a seguir soltá-lo, não mais ocupar-se com êle.*

Mas isso requer muita compreensão e liberdade muito sutil. Se sabemos que estamos sujeitos a errar, e não vivemos de acôrdo com um padrão, por essa maneira damos liberdade à mente, porventura para cometer mais erros. Mas o saber lidar com o erro é que é importantíssimo. O importante é reconhecer o erro, e não tocar mais nêle, não se preocupar mais com êle.

PERGUNTA: Existe possibilidade de o indivíduo tornar-se perfeito e criar o Estado perfeito?

KRISHNAMURTI: Pode o indivíduo — vós e eu — tornar-se perfeito, e criar assim um mundo perfeito? Aqui também estamos lidando com idéias, não é verdade? O homem perfeito é o homem ideal, o homem que a mente concebeu como “perfeito”. A mente concebeu e “projetou” êsse padrão, e eu estou vivendo de acôrdo com êle. A mente “projeta” a idéia do Estado perfeito e procura realizar êsse Estado perfeito. Isto é, quando dizemos “pode o homem ser perfeito?” — só nos estamos referindo à mente. E quando se diz: “Queremos criar um Estado perfeito”, isso também está contido na esfera da mente.

Assim, pois, quando a perfeição, a reforma se elabora na esfera da mente, então, no produzir o Estado perfeito, há crueldade: extermínio, campos de concentração, tirania... sabeis muito bem como é essa coisa. Enquanto pensarmos que o homem pode ser tornado

perfeito, não terá fim a brutalidade. Porque, nesse caso, a mente opera apenas com idéias; a idéia não tem nenhuma relação com a realidade.

Mas pode a mente descobrir o que é real, e não a *idéia* do que é real? Pode a mente deixar a realidade manifestar-se? Se pode, então as relações do homem com o homem, do homem com a sociedade, são de todo diferentes. Porém, quando desejo criar um Estado perfeito, não apenas me obrigo a viver de acôrdo com um certo padrão de pensamento: também obrigo outros a viverem de acôrdo com êsse padrão ideal. *O homem perfeito nunca é um homem livre.* Esta é a maneira mais materialista mais anti-espiritual de se realizar qualquer transformação: através da idéia de que o homem deve tornar-se perfeito.

Entretanto, o homem é capaz de achar o que é verdadeiro, o que é real, o que é Deus. E então a realidade pode operar. Essa realidade pode produzir um Estado inteiramente diferente do Estado perfeito concebido pela mente. Devemos, pois, em primeiro lugar procurar a a Realidade, e *não* indagar como tornar-nos mais perfeitos ou como tornar a sociedade perfeita.

Pode, pois, a mente que está condicionada, buscando sem cessar a perfeição, como segurança, — pode essa mente libertar-se da idéia da perfeição e buscar a realidade? Porque, não sabemos o que é a Realidade. A mente só é capaz de lidar com idéias; não é capaz de lidar com um fato. Pode traduzir o fato, interpretar o fato, mas a mente não é o fato. Assim, pois, enquanto busco a perfeição, não estou buscando Deus, a Verdade. E se almejo um Estado perfeito, o que crio então, inevitavelmente, é uma sociedade em que se torna essencial a compulsão, tôda espécie de coerção, disiplina, tirania. Se busco, porém, a Realidade,

o desconhecido, há então uma possibilidade de criar-se um mundo diferente.

Mas para encontrar o desconhecido, deve a mente estar extraordinariamente tranqüila; não pode estar "projetando" idéias. Porque a própria idéia controla a mente, condiciona a mente. Uma mente condicionada não é uma mente perfeita, uma mente livre. É só quando a mente está livre da idéia que há possibilidade, para ela, de receber o que é criador.

1 de abril de 1953.

— IV —

Acredito se se puder compreender o fator que cria a superstição, haverá a possibilidade de compreender-se o que é a verdadeira religião. Mas, sem se compreender e examinar profundamente a matéria d'êste problema da ilusão; sem se descobrir e compreender profundamente o que é que gera a ilusão, torna-se quase impossível saber o que é a Realidade. Em geral, adquirimos tantas ilusões, tantas superstições... Temos não só a superstição econômica do Estado perfeito, a ilusão de criar o homem perfeito, mas também a superstição relativa ao que é a Realidade, ao que é Deus. E é possível libertar a mente do criar, do gerar, do produzir qualquer espécie de ilusão, de modo que possamos descobrir o que é a Verdade, sem sermos estorvados por nenhum obstáculo, nenhuma interpretação; possamos vê-la, simples e diretamente, com uma mente clara, uma mente que não esteja cheia de idéias, teorias e especulações preconcebidas?

Parece-me importantíssimo — se temos propósitos sérios — descobrir como surge êsse sentimento da ilusão êsse sentimento de estarmos presos numa armadilha por nós mesmos fabricada. Assim sendo, quem sabe se não poderemos examiná-lo realmente, e dissolvê-lo, não pouco a pouco, de maneira gradual, porém com-

pletamente? Porque eu não creio seja possível a dissolução gradual de uma determinada idéia, superstição ou desejo; ou o dissolvemos completamente, ou nunca o dissolveremos.

É possível dissolver a faculdade que cria a ilusão? A maioria das religiões do mundo é ritualista, dogmática; elas condicionam o nosso pensar. Fomos educados num determinado padrão de pensamento ou de ação, e nossa mente está apegada a êsse padrão. E, visto termos nascido dentro de um determinado padrão de filosofia, de pensamento organizado, parece quase impossível libertar a mente dos seus símbolos, das palavras que aprendemos desde a meninice.

Para descobrir a Realidade, não há dúvida de que a mente precisa ser extraordinariamente livre, não ter símbolo nenhum, nenhuma reação a uma dada palavra, não "projetar" idéias ou experiências que adquiriu — de modo que esteja muito lúcida, seja muito simples e direta, sem nenhuma solução e sem o poder de criar ilusão.

Ora, que é dá origem á ilusão? Não é o desejo, a vontade de buscar conforto, satisfação, salvação, êsse desejo de segurança fundamental, êsse apêlo profundo, por uma esperança, por algum meio de fuga á frustração íntima? O poder de criar ilusão não surge quando a mente estende a mão, suplicando, pedindo, desejando saber? Porque, na base dêsse desejo se acha todo o acervo (background) do nosso condicionamento, dos inúmeros impulsos, temores, ansiedades, condicionamentos de uma raça determinada, de uma determinada filosofia. E, com todo êsse acêrvo, estamos pedindo salvação, conforto, esperança. Não podendo achar neste mundo a felicidade, não podendo encontrar um sentimento de liberdade, um preenchimento completo, li-

vre do mêdo e da frustração, apelamos para o outro mundo. Sabemos que não podemos ser perfeitos neste mundo; o homem não pode fazer-se perfeito; porque só pode aperfeiçoar-se por meio da sua mente, e a mente jamais pode tornar-se perfeita. A mente não pode libertar-se do pensamento, que a condiciona. Por essa razão, apelamos para várias formas de salvação; tentamos descobrir o que é a Realidade, o que é Deus, o que é felicidade, o que é imortalidade; tentamos descobrir algo existente além dos limites do transitório. Assim, a mente, com tôdas as suas exigências e desejos, já está criando uma ilusão.

Pode uma mente que quer, que deseja achar algo, descobrir o que é real? Acho muito importante examinar esta questão. Porque, enquanto estivermos procurando, sem compreendermos aquêles acervo (background), encontraremos o que buscamos, mas isso será uma ilusão.

Posso, pois, libertar-me do meu condicionamento, sem me submeter ao processo de análise? Porque, reconheço, pela análise do acêrvo, não o dissolvo. Posso desnudá-lo, explicá-lo, perceber tôdas as coisas nêle latentes; mas não fico livre dêle, pois minha mente continua inconscientemente prêsa a êle. Porque, o analista, o observador, está ainda presente, e, portanto, traduzindo sempre tudo o que observa de acôrdo com o seu condicionamento.

Posso pois tornar-me inteiramente livre daquele acervo, não num futuro distante, mas agora, e ter assim a possibilidade de deter a criação de qualquer desejo de verdade, de felicidade, de algo desconhecido? Porque o desejo é a causa fundamental dessa criação das ilusões a que a mente se apegas, não achais? E posso ficar livre do desejo psicológico, não por meio de algu-

ma disciplina ou resistência, mas pelo percebimento da significação dêsse sentimento, dessa exigência de mais, e mais, e mais? Desejo mais saber, mais virtude, mais liberdade, mais felicidade; desejo compreender mais. Sem dúvida, é a exigência de *mais* que cria a ilusão — o que não significa que eu deva sentir-me satisfeito com o que tenho. Se estou satisfeito com o que tenho, isso é outra forma de ilusão, porquanto nunca posso estar satisfeito com o que sou, com o que acumulei.

Nessas condições, pode a mente libertar-se dessa exigência de “mais”? Isto significa, realmente: pode a mente reconhecer *o que é*, sem procurar alterar, sem procurar transformar *o que é* em algo que “deveria ser”? Pode uma pessoa, psicologicamente, profundamente, interiormente, compreender essa coisa, isto é, que o desejo de *mais* cria ilusão? A mente inventa o processo do tempo: “no fim, pela perfeição, pelo aperfeiçoamento da mente, pelo cultivo da virtude, alcançarei a felicidade”. Por essa razão, a mente está sempre lutando, experimentando, acumulando, para ser livre, para reconhecer o que é verdadeiro.

Posso, pois, despojar-me completamente dêsse desejo de *mais*, afastá-lo completamente de mim? Creio isso é possível, desde que se compreenda tôda a sua significação, que se lhe perscrute a natureza íntima, os impulsos inconscientes do momento. Acho que há então a possibilidade de eliminar o poder que cria a ilusão. Afinal, é isto o que todos nós desejamos: mais e mais conforto, mais e mais felicidade, segurança, certeza. E estando tôda empenhada nisso, a mente cria o padrão de ação que lhe dará o *mais*.

Positivamente, basta de explicações e descrições. Pois, se temos um sério empenho, se tencionamos real e seriamente descobrir o que é verdadeiro, então por

certo já pusemos de parte tôdas as explicações e palavras, e estamos diretamente interessados em esclarecer-nos. Nossa mente, porém, é incapaz de fazer qualquer descobrimento, enquanto estamos desejando *mais*.

Parece-me, por conseguinte, o importante é que a mente se ache num estado em que não se permita pedir nada, exigir nada — o que não implica aquiescência, aceitação, mas, tão só, que a mente se encontre verdadeiramente silenciosa. Sendo a mente pensamento — pensamento que é a verbalização de certas experiências, que é memória, pensamento que busca e investiga — não pode êste pensar acabar-se, de modo que a mente deixe de “projetar” e se torne deveras tranqüila? Porque só então pode a mente ficar livre de todo da ilusão. Só então descobriremos o que é a Realidade — não a descrição da Realidade, não as explicações, as especulações, não a realidade experimentada por outra pessoa. Estas coisas são inteiramente destituídas de valor e significação. Mas quando a mente se acha de fato naquele estado em que não existe o pensamento, tal como o conhecemos — o pensamento que fortalece sem cessar o acervo, o fundo, que condiciona a mente — então haveremos de descobrir o que é aquela coisa inefável.

Mas é difficilimo à mente estar quieta, abster-se de “projetar”, de buscar, de tentar descobrir. A tranqüilidade não pode vir por meio de algum padrão de ação, mas só quando compreendemos integralmente êsse problema relativo ao poder da mente de criar qualquer coisa que deseje: o Mestre, o Salvador, enfim, tôdas as inumeráveis e variadas superstições em que estamos enredados. Assim sendo, pode a mente — a minha e a vossa mente — alcançar — mas não por alguma forma de compulsão — aquela extraordinária

tranquilidade, aquela paz que não é criação dela própria? Tal só é possível, quando compreendo a necessidade de alcançá-la; quando, depois de ter vagueado por todo esse labirinto de ilusões, resolvo retirar-me dêle. Só então há a possibilidade de surgir a Realidade.

PERGUNTA: Quando observo os meus semelhantes, seja no ônibus, seja no trem subterrâneo, acho todos êles — inclusive minha própria pessoa — mediocres e vulgares. Como tolerar essa fealdade da vida de cada dia?

KRISHNAMURTI: Nós mesmos somos mediocres; nós mesmos somos feios. Não precisamos olhar para os nossos semelhantes; não preciso observar a mulher ou o homem que se senta no banco fronteiro, no trem subterrâneo ou no ônibus. Já perdemos tôda a vitalidade, todo o gôsto, tôda a capacidade de real apreciação da vida. Nossa vida é uma rotina, uma maçada, uma coisa que realmente não tem muita significação. Nessas condições, reconhecendo-nos feios e mediocres, qual é a nossa reação? Quando reconheço que sou feio, medíocre, que minha vida tem muito pouca significação, sendo meramente uma rotina — que tenho de continuar a aguentar; quando reconheço êsse fato, qual é a minha reação imediata? Condeno-o, não é verdade? Condeno a mediocridade; desejo ser mais belo, desejo adquirir uma qualidade diferente, desejo uma alegria, um sentimento de liberdade. Por isso, me apego à beleza, não é verdade? Quero ter a beleza. Assim, cultivo a beleza e condeno o medíocre, o feio. Esta é a nossa reação normal, não é exato?

E — depois de condená-lo — compreendi-o, modifiquei-me de alguma maneira, ocorreu algo novo? O

que me interessa é só o cultivo da beleza. Desejo-a; desejo ser sensível à beleza, e afastar de mim o feio. Mas o repelir o feio e apegar-me ao belo me torna insensível, não é verdade? Compreendei bem isso, por favor. Quando rejeito o feio, quando o condeno, quando procuro afastá-lo de mim, não me estou tornando menos sensível à beleza? Esse é um modo de proceder semelhante ao de amputar um braço porque é feio, e dedicar-me a cultivar a beleza de outras partes.

Não é importante que sejamos integralmente *sensíveis*, e não meramente *sensíveis a uma dada coisa*? E a sensibilidade é produzida pela condenação daquilo que acho feio? Se condeno a inveja, dizendo-a feia, torno-me sensível àquele estado em que não existe inveja? Não devo ser totalmente sensível — tanto à inveja, como ao estado “não-invejoso?” O importante, por conseguinte, é a sensibilidade, não achais? — e não o ser mais belo ou mais virtuoso, como evitar o feio, os aspectos repelentes da vida de cada dia; devemos ser sensíveis a uma e outra coisa. Não posso ser sensível se condeno uma coisa e me apego a um determinado pensamento, idéia, ou imagem que me parece bela. Se percebo isso, então já não condeno, já não digo “Isto é feio, medíocre”. Reconheço, então, que a própria palavra tem fôrça sugestiva, neurológica: ela atua em mim, tal como o faz a palavra “beleza”.

Importa, pois, sejamos sensíveis tanto ao feio como ao belo. Há então possibilidade de observação, podemos dar atenção ao feio, sem condená-lo. E dessa sensibilidade pode nascer algo novo, uma qualidade emanada do amor. Mas o amor não é coisa cultivável; manifesta-se apenas quando somos capazes de compreender todo aquêle nosso acervo mental (background) que nos impele à condenação. Tôda sociedade, tôda reli-

gião, toda civilização condena; somos educados para condenar, julgar, pesar, dizer: "Isto está certo, isto está errado" — (não quero dizer com isso, que não exista "certo" e "errado"). Nossa reação instintiva é condenar, e isso é uma forma de resistência; e na resistência não pode haver sensibilidade nem para o belo nem para o feio.

Mas se não condenamos, talvez nos venha um novo alento, uma nova vitalidade, um sentimento de amor, capaz de transformar, de dar uma perspectiva diferente à nossa feia existência de cada dia.

PERGUNTA — Sinto-me muito só, e aspiro a uma certa forma de relações humanas íntimas. Não podendo encontrar essa espécie de companhia, que devo fazer?

KRISHNAMURTI: Uma das nossas dificuldades, sem dúvida, é essa de querermos ser felizes *por meio de alguma coisa, por meio de uma pessoa, de um símbolo, de uma idéia, da virtude, da ação, da companhia de alguém*. Pensamos que a felicidade, ou a Realidade (ou como quiserdes) pode ser encontrada através de alguma coisa. Por isso, supomos que, por meio da ação, de certas companhias, ou de certas idéias, encontraremos a felicidade.

Assim, pois, vendo-me só, desejo encontrar alguém, ou alguma idéia, por intermédio da qual eu possa ser feliz. Mas a solidão permanece, apesar disso; ela está sempre presente, acobertada. Entretanto, visto que ela me aterra e desconheço a sua natureza íntima, desejo encontrar algo a que me apegar. Penso, pois, que por meio de uma coisa, de uma pessoa, serei feliz. Por isso a nossa mente está sempre muito interessada em

encontrar algo. Imaginamos que por meio de coisas — como sejam, móveis, uma casa, livros, pessoas, idéias, ritos, símbolos — obteremos um ganho, alcançaremos a felicidade. E, dessarte, as coisas, as pessoas, as idéias se tornam extraordinariamente importantes; porque, através delas, esperamos achar algo. E começamos, assim, a ficar-lhes na dependência.

Mas, apesar de tudo isso, continua presente, não compreendida e não resolvida, a coisa que queremos evitar; continua presente o temor, a ansiedade. E quando lhe percebo a presença, quero então utilizar-me dela, para “fazer a travessia” e encontrar o que se acha além. *Minha mente, pois, se serve de tôdas as coisas como meios de passar além, tornando, dêsse modo, triviais tôdas as coisas.*

Se me utilizo de vós, para meu preenchimento, para minha felicidade, vós vos tornais muito pouco importantes, porque é na minha felicidade que estou interessado. Assim, quando a mente está ocupada pela idéia de que pode alcançar a felicidade por meio de alguém, de uma coisa, ou de uma idéia, não reduz essas coisas a meios de “trânsito”? Pois meu interesse está pôsto noutra coisa: ir mais longe, alcançar algo que se acha além.

Não é muito importante, portanto, que eu compreenda essa solidão, essa dôr do extraordinário vazio em mim existente? Desde que, se eu compreender isso, então, talvez, não me servirei mais de coisa alguma para encontrar a felicidade; não me servirei mais de Deus, como meio de obter paz, ou de um rito com o fim de ter mais sensações, exaltações, inspirações. A coisa que me está corroendo o coração é êsse sentimento de temor, essa minha solidão e vazio. Posso compreendê-la? Posso dissolvê-la? Nós, em geral, estamos sós, não é verdade? Podemos fazer o que quiser-

mos: nem rádio, nem livros, nem política, nem religião — nada disso pode disfarçar aquela solidão. Posso entregar-me a atividades sociais, identificar-me com certas filosofias organizadas; mas o que quer que eu faça, ela estará sempre presente; nas profundezas do meu inconsciente, do meu ser.

Como devo então proceder com relação a ela? De que maneira posso trazê-la à luz e dissolvê-la de todo? Aqui também a minha tendência é de condenar, não é? Uma coisa que não conheço me faz medo; e o medo é resultado da condenação. Afinal, eu não conheço a natureza da solidão, não sei o que ela é realmente. Entretanto, minha mente a julga e a acha terrível. Tem suas opiniões, relativamente ao fato; tem suas idéias a respeito da solidão. *E são essas idéias, opiniões, que geram o temor e me impedem de examinar verdadeiramente aquela solidão.*

Espero esteja-me expressando claramente. Vejo-me só, e temo êsse estado. Que é que causa êsse temor? Ele não existe por causa do meu desconhecimento de tudo o que a solidão encerra em si? Se eu conhecesse o conteúdo da solidão, então não a temeria. Fujo-lhe porque tenho uma idéia sobre o que ela seja. É justamente quando fugimos à solidão que se cria o temor, e não quando a examinamos. Para poder examiná-la, estar em contacto com ela, não devo condená-la. E quando sou capaz de encará-la, sou então capaz de amá-la e observá-la.

Esta solidão que tanto temo, será meramente uma palavra? Não é ela, com efeito, um estado essencial, a porta, talvez, que me conduzirá à compreensão? Esta porta pode levar-nos mais adiante, habilitando a mente a compreender aquêles outro estado em que a mente deve "estar só", livre de contaminação. Porque

todos os outros "processos" de afastamento da solidão são transviamentos, fugas, distrações. Se a mente puder viver em contacto com a solidão, sem condená-la, talvez possa encontrar, através dela, o "estar só" — o estado em que a mente não está solitária, porém "só", independente, em que não precisa de coisa alguma para achar o que procura.

Não é necessário "estar só", para conhecer aquela solidão que não é criada pelas circunstâncias, aquela solidão que não é isolamento, aquela solidão que é criação, na qual a mente já não busca felicidade, nem virtude, nem cria resistência alguma. É a mente que está "só" que é capaz de achar — e não a mente que se contaminou, que se corrompeu com suas próprias experiências. Assim, pois, essa solidão de que todos estamos bem cômicos, talvez possa, se soubermos compreendê-la, abrir-nos a porta da Realidade.

PERGUNTA: Sou dependente, sobretudo psicologicamente, de outras pessoas. Desejo libertar-me dessa dependência. Tende a bondade de indicar-me a maneira de ser livre.

KRISHNAMURTI: Psicologicamente, interiormente, somos dependentes, não é verdade? Dependemos de ritos, de idéias, de pessoas, de coisas, de propriedades. Somos dependentes; e desejamos livrar-nos dessa dependência, porque ela nos causa dor. Enquanto essa dependência é satisfatória, enquanto encontro felicidade nela, não desejo ser livre. Logo, porém, que ela começa a fazer-me sofrer, quando o ente de quem dependo me foge, ou morre, ou perde o seu frescor, então quero tornar-me livre.

Mas quero ser livre *totalmente*, livre de tôda e qualquer dependência psicológica, ou apenas desejo livrar-me da dependência que me causa dôr? Evidentemente, só desejo libertar-me das dependências e lembranças que me fazem sofrer. Não desejo tornar-me inteiramente livre de tôdas as dependências; quero livrar-me só de uma determinada dependência. Busco, assim, meios e modos de me libertar. E peço a outros que me ajudem a libertar-me de uma determinada dependência que me causa dôr. Não quero libertar-me do “processo total” da dependência.

Todavia pode outra pessoa ajudar-me a ficar livre da dependência, parcial ou total? Posso eu indicar-vos a maneira de vos libertardes? — sendo a “maneira” a explicação, a palavra, a técnica. Se vos indico a “maneira”, a técnica, se vos dou uma explicação, vos tornarei livre? Continuais com o problema, não é verdade? — continuais a sofrer por causa dêle. Por mais que eu vos mostre a maneira de proceder, por mais que converseis comigo sôbre o problema, não vos libertareis da vossa dependência. Que se deve então fazer?

Notai bem a importância que isso tem. Estais pedindo um *método* que vos liberte de uma determinada dependência ou da dependência total. O método representa uma explicação, não é verdade? — uma explicação, de acôrdo com a qual vos ides exercitar e viver, a fim de vos libertardes. O método transforma-se, dest’arte, numa outra forma de dependência.

Mas se estais interessado na libertação total, na libertação de *tôdas* as dependências psicológicas; se isso vos interessa realmente, não pedireis então nenhum método, nenhuma “maneira”. Fazeis, nesse caso, uma pergunta muito diferente, não é verdade? Perguntais então se podeis ter a capacidade de vos libertardes da-

quela dependência, se há possibilidade de vos libertardes dela. A questão, pois, não é de como libertar-me da dependência, mas, sim, se posso ter a capacidade de libertar-me de todo o problema. Se tenho a capacidade, nesse caso não dependo de ninguém mais. É só quando afirmo não ter a capacidade, que peço: "Tende a bondade de indicar-me uma maneira". Mas se tenho a capacidade de libertar-me de um problema de dependência, então não peço a ninguém que me ajude a resolvê-lo.

Espero esteja-me fazendo claro. Porque considero muito importante que se não pergunte "como?" mas sim: "posso ter a capacidade de libertar-me do problema?". Pois se sei atender ao problema, fico então livre dele. Por conseguinte, não perguntarei mais por um método ou uma "maneira", mas, sim: "posso ter a capacidade de resolver o problema da dependência?"

Agora, psicologicamente, quando fazeis a vós mesmo a pergunta, que acontece? Quando fazeis conscientemente a pergunta: "Posso ter a capacidade de libertar-me dessa dependência? — que aconteceu, psicologicamente? Já não estais livre da dependência? Psicologicamente estáveis dependente; e agora dizeis: "tenho a capacidade de libertar-me?". É óbvio que, no momento em que fazeis seriamente essa pergunta a vós mesmo, já vos achais libertado daquela dependência.

Espero estejais não apenas acompanhando verbalmente, mas também *experimentando realmente* a questão que estamos examinando. Porque esta é a arte de escutar: não apenas escutar as minhas palavras, mas também "escutar" o que realmente se está passando na vossa mente.

Quando sei que posso ter aquela capacidade, então o problema deixa de existir. Entretanto, porque

não tenho a capacidade, quero ser ensinado. E crio, assim, o Mestre, o *guru*, o Salvador, uma pessoa que irá libertar-me, salvar-me. E dessa pessoa fico *dependente*. Mas se, ao contrário, eu tiver a capacidade de resolver, de compreender a questão, então a coisa é muito simples: já não sou dependente.

Isso não significa esteja eu cheio de presunção. A confiança que procede do "eu" não conduz a parte alguma. Mas a própria pergunta: "posso ter a capacidade de descobrir a Realidade?" — dá-nos um extraordinário discernimento e uma força extraordinária. Essa pergunta não significa tenha eu a capacidade — porque não a tenho — pois o que pergunto é: "*posso ter a capacidade?*" Então, eu saberei abrir a porta que a mente está fechando constantemente, com suas dúvidas, ansiedades, temores, suas experiências e seu saber.

Dessarte, percebido o processo na sua inteireza, a capacidade existe. Mas essa capacidade não pode ser achada por intermédio de um determinado padrão de ação. Não posso compreender o todo por meio da parte. Pela análise particular de um problema especial, não compreenderei o todo. Posso pois ter a capacidade de perceber o todo, compreender não apenas um determinado incidente, uma determinada ocorrência, mas, sim, o "processo" total da minha vida, com seus pesares, suas dores e alegrias, e a perene busca de conforto? Se posso fazer essa pergunta muito seriamente, então a capacidade se torna existente.

E, com a capacidade, posso tratar de todos os problemas que surgem. Haverá sempre problemas, sempre incidentes e reações; tal é a vida. Como não sei atender a êsses problemas, recorro a outros, a fim de esclarecer-me, a fim de perguntar-lhes a maneira de

atendê-los. Quando, porém, faço a pergunta “posso ter a capacidade?” — isso já é o começo daquela confiança que não é a confiança procedente do “eu”, do “ego”, que não é a confiança nascida da acumulação, mas, sim, a confiança que se renova constantemente; a confiança que não resulta de determinada experiência ou incidente, mas da compreensão, da liberdade, de modo que a mente está apta a encontrar o Real.

7 de abril de 1953.

Desejo nesta tarde considerar junto convosco um problema talvez um tanto difícil de examinar: o problema da consciência. Porque, se não compreendermos a função da mente, o que é a mente, por maior que seja o nosso empenho de transformar-nos, de realizar uma revolução fundamental em nós mesmos, creio impossível conseguirmos tal coisa. Este problema é realmente difficilissimo. Porque, infelizmente, cada um de nós tem opiniões muito positivas sobre o que a mente é ou deve ser. Depois de lermos uma porção de livros, chegamos a conclusões muito precisas sobre o que é a consciência. Mas se pudermos pôr de parte o nosso saber específico, as coisas que aprendemos e experimentamos, e examinar tudo de novo, talvez venhamos a descobrir a maneira de efetuar essa fundamental transformação, e não uma mera modificação superficial.

Pois bem, qual é a função da mente? Pode a mente operar uma modificação total em si mesma, transformar a si mesma? E o "eu", o "ego" é coisa diferente da mente? Em qualquer nível que situemos o "eu", o "ego", e por mais que êle lute para efetuar a sua própria transformação, êsse esforço não está compreendido, também, na esfera da mente, da consciência? E pode haver alguma transformação (não per-

manente, no sentido de continuidade) uma completa revolução interior, sem causa, sem incentivo, sem nenhum desejo de resultado?

Acredito se examinarmos com bastante cuidado esta questão da consciência e da função da mente, talvez descubramos o que é a sabedoria.

Que é, pois, a consciência? Que coisa é essa, que funciona ininterruptamente, que escolhe, luta, cria ideais, imagens símbolos, que se deixa condicionar e deseja “descondicionar-se”, que sofre e evita todo empreendimento que possa suscitar temor? Que é essa coisa a buscar constantemente a permanência, o conforto, a segurança, e aquilo a que chama Deus? Que é essa coisa — na sua totalidade, e não apenas a parte superficial — que se contrai com o temor ou se expande com o prazer? Que é esse “eu”, o “eu” que se esforça constantemente para tornar-se melhor; o “eu” deixando-se disciplinar com o fim de obter um resultado; essa coisa que é impelida pela ambição, que está sempre lutando para vencer algum obstáculo e portanto sempre temerosa de ser mal sucedida? E onde a sua sede? Não é o conjunto de tudo isso que chamamos consciência — não apenas a consciência que funciona ordinariamente, mas também a consciência oculta, a consciência da raça, na qual estão gravadas todas as tradições do passado? As coisas que aprendemos, as coisas que adquirimos, nossas experiências, preconceitos, etc., e bem assim o “eu” que luta para ultrapassar suas limitações e condicionamentos — tudo isso não constitui a nossa consciência?

E o inconsciente não é uma parte do conjunto da humanidade? O meu inconsciente não é a totalidade do pensamento da Índia, assim como o vosso o é do de outra raça, de outra região?

Tudo isso, êsse processo total não representa o que chamamos “consciência”? Não é nossa mente? — a mente, resultado do tempo, de cultivo contínuo; o “eu” que se constitui constantemente pelo contacto, pela sensação, pelo desejo e a acumulação de experiência determinada por êsse desejo? E quando falamos de experiência, isso não significa memória, palavra, símbolo, idéia? Assim, pois, tal como a conhecemos — nós, as pessoas comuns, desprovidas de altos conhecimentos teológicos e de erudição — tal como a conhecemos, isso é a nossa mente não é verdade? É nossa consciência, — constituída de desejos, esperanças, memória, saber; e é dentro dessa esfera que nós funcionamos.

A consciência do “eu” pode oferecer-nos a sabedoria? O saber proporciona sabedoria, que não é coisa dos livros, coisa que se possa aprender numa “escola de sabedoria”?

O que desejo averiguar, pois, é o seguinte: pode a mente, que é produto do tempo; que se constituiu pela experiência, pela memória, pelos símbolos; que vive num círculo de aspirações, desesperanças, esperanças, frustrações, servidão, sofrimento, desgraça; que está sempre escolhendo e por isso tôda empenhada em escolher o que é mais importante, melhor; — pode essa mente descobrir o que é a sabedoria, a Verdade, Deus? E se experimenta a Realidade, não é a mente então da mesma natureza da Realidade, no momento em que a experimenta?

Estais entendendo o que quero dizer? Percebo que minha mente é resultado do tempo. Isso é bastante evidente, e não há necessidade de entrarmos em pormenores a êsse respeito. Minha mente se constituiu através de gerações de experiência. Sou o resultado de todos os pensamentos, tôdas as lutas e dores e supers-

tições do mundo; minha mente é isso. E, todavia, esta mente está em busca de alguma realidade que evidentemente deve achar-se fora do tempo; uma realidade que se não pode apanhar, acumular e armazenar, para uso. Sendo a mente o único instrumento com que podemos sentir, experimentar, é fora de dúvida que, *no momento de experimentar a Realidade*, a mente é da mesma qualidade que a Verdade, o Atemporal, não achais?

Como se efetua essa transformação? E pode o “eu”, o “ego”, que é resultado do tempo, operá-la, em si mesmo? Porque nosso problema é este, não achais? Quero modificar-me, quero operar uma transformação em mim mesmo. Pois minha vida é muito sombria; sou infeliz e estou condicionado; vivo numa luta perene com os prazeres, as alegrias e as depressões inerentes ao “eu”. E nessa consciência, no centro dessa consciência, faz-se necessária uma revolução. Não desejo modificar-me apenas na periferia, desde que tal modificação nada significa. Se me sinto muito seriamente interessado, desejo a transformação no centro — não uma transformação de natureza temporal, determinada por conveniência, capricho ou, sequer, necessidade. Se não tenho outro instrumento senão a mente, não posso prescindir dela, porque eu sou a mente. As coisas que sinto — aspirações, anelos, temores, amôres, ódios, a morte inevitável e o desconhecido... tudo isso sou eu. E no centro dessa consciência tem de realizar-se uma revolução.

Como é isso possível? O inconsciente que é também resultado do tempo, pode operar tal revolução? Pode ele ser útil à mente consciente, ajudando-a a deter a sua atividade de acumulação, para que possa haver no centro completa negação do “eu”? Acho isso importantíssimo. Expressando-o embora de maneira

pouco elegante, empregando palavras que tenham significações diversas para cada um de nós, esta é a questão fundamental, não achais? Porque o esforço conduz sempre à uniformidade, à rotina, à degenerescência, à lenta decomposição. Podem achar-se momentos de suprema felicidade e êxtase; mas, passados poucos dias, tudo se desvaneceu.

Percebendo-se, pois, esta extraordinária complexidade, não acreditais necessário investigar se é possível chegarmos àquela revolução, àquela transformação interior, *sem nenhuma interferência da mente*? Pode esta modificar-se, a si mesma? Pode a mente transformar-se? Sei que há momentos em que ela *percebe a Realidade, que se manifesta sem ter sido chamada nem solicitada. Nesses momentos, a mente é o Real*. Quando o “eu” já não está lutando, consciente ou inconscientemente, para tornar-se algo, quando o eu está de todo inconsciente de si mesmo, nesse momento se verifica aquêl estado de devoção, aquêl estado de Realidade. Nesse momento, a mente é o Real, é Deus. O problema, pois, é este: pode a mente, que é resultado do tempo, a mente que é o “eu”, o “ego” — ainda que muito lhe agrade dividir-se em “eu” superior e “eu inferior”, observador e coisa observada — pode o “eu”, cuja consciência, no seu todo, é resultado da acumulação de experiência, de memória, de conhecimentos, findar, — sem o desejarmos, sem esperarmos pela sua dissolução? Porque eu conto com um único instrumento, que é a mente, a mente que avalia, julga, condena. E pode essa mente, que pertence ao tempo e não tem relação nenhuma com a Verdade (a mente possui saber, mas o saber não é a Verdade) deter-se instantaneamente, para que possa existir a outra mente, o outro “estado de ser”, a mente que experimenta a Realidade e é, por conseguinte, ela própria, o Real?

Pelo indagar, pelo investigar sèriamente, acredito possível encontrar a resposta. Pode a mente — o único instrumento que possuímos — pode o “eu” deixar de existir, deixar de acumular? Pode a mente que acumula conhecimentos, experiências, lembranças, libertar-se completamente? Pode ela consentir em ficar observando o desfilar das lembranças, das experiências, dos conhecimentos, permanecendo, ela própria, por assim dizer, à margem da corrente, sem se prender a nenhuma lembrança, nenhuma experiência, — livre, e definitivamente ancorada na sua liberdade?

Porque, não podemos pôr de parte o nosso saber, nossas experiências e lembranças, pois essas coisas têm existência. Mas podemos observá-las, no seu desfilar, sem nos apegarmos a nenhuma delas, agradável ou desagradável. Isso não requer exercício. Porque, *quando nos exercitamos, estamos acumulando; e sempre que há acumulação há fortalecimento do “eu”*. O “eu” que pertence ao tempo, o “eu” que deseja e cultiva a virtude, acumula incessantemente. A Realidade nada tem em comum com a virtude adquirida. Entretanto, *a virtude é necessária, a virtude própria do estado não acumulativo*. O homem que está observando o perpassar das suas experiências, lembranças, conhecimentos, sem a êles se prender, êsse homem não aspira à virtude; não está acumulando. E quando a mente já não está acumulando, quando a mente está desperta para todo o processo da consciência, com tôdas as suas lembranças e seus motivos inconscientes, todos os impulsos de gerações, de séculos, deixando tudo isso passar por ela sem a prender — não se acha então a mente fora do tempo? A mente que, embora consciente das experiências, não se prende a nenhuma delas, já não está livre da rêde do tempo?

Porque, o que constitui o tempo é a ocupação da nossa mente com a memória, é a capacidade de distinguir diferentes lembranças. E é possível à mente permanecer fora do tempo, fora do conhecimento, que é memória, que é experiência, palavra, símbolo? Pode a mente estar livre de tudo isso e, por conseguinte, fora do tempo? Não há então, no centro, uma revolução, uma transformação fundamental? Porque então a mente já não está lutando por alcançar um resultado, acumular, chegar a um fim. Então, não há mais temor. A mente, em si mesma, é o desconhecido; a mente, em si mesma, é o novo, "o não-contaminado". Por conseguinte, é o Real, o incorruptível, independente do tempo.

PERGUNTA: Sinto-me profundamente receoso de abandonar certos hábitos que me dão prazer; entretanto, sei que devo deixá-los, visto que têm poderoso domínio sobre mim. Que posso fazer?

KRISHNAMURTI: Pode-se quebrar hábitos, sem se criar outro hábito? Meu problema, por certo, não se refere à possibilidade de abandonar um hábito doloroso, ou de conservar um hábito aprazível, mas sim à possibilidade de eu me tornar livre de todo o mecanismo formador de hábitos. Posso libertar-me de *tudo* o padrão de ação, não apenas de determinado padrão, mas de todo o pensamento formador de padrões? Isto é, posso quebrar, abandonar o pensamento, o padrão que se formou, que se criou através de séculos, sem criar um novo padrão? É isto o que, em geral, gostamos de fazer: quebramos um padrão, e em seguida, pegamos criamos ou adotamos outro padrão. Se sou hinduista, quebro esse padrão e me torno comunista; mas isso re-

presenta também um padrão de pensamento, uma filosofia organizada. Ou, se sou comunista, quebro êsse padrão e me torno católico. Estou sempre passando de um padrão para outro; tal é a minha vida. Estou sempre em busca de melhores padrões de ação, melhores padrões de pensamento, melhores sistemas de idéias. Revolto-me contra um padrão e adoto outro padrão.

O problema, por conseguinte, é êste: posso eu, pode a mente libertar-se de todos os padrões? Pode ela ficar em revolta, não contra um determinado padrão, mas essencialmente revoltada? Quando estamos em revolta, estamos sempre *contra* alguma coisa, não é verdade? Como um cristão tradicional, estarei revoltado contra o comunismo; o comunista, por sua vez, estará revoltado contra o capitalismo. Estamos, pois, sempre revoltados contra algo, não é verdade? *A própria revolta contra alguma coisa cria o padrão.* Quando, como hinduista, estou contra o cristianismo ou o comunismo, isso não faz criar-se um novo padrão de ação? Posso pois achar-me em revolta, não contra alguma coisa, mas essencialmente num estado de revolução? Êste é que é o problema, não achais? — “como estarmos em nós mesmos em revolta”, e não como quebrarmos um hábito agradável, um determinado padrão de ação; ou como encontrarmos uma estrutura melhor, um novo sistema de idéias pois atravessamos êste processo permanentemente: não há um fim para êle. Mas se me interessa quebrar inteiramente a mentalidade formadora de padrões, não devo achar-me em revolta, não contra uma dada coisa, mas achar-me em revolta intrinsecamente? O padrão, por certo, só se acaba, quando não estou em oposição a alguma coisa.

Que acontece quando me acho em oposição, quando sou contra algo, quando oponho uma idéia a outra idéia? Se eu, como hinduista, sou contra o cristianismo, a minha idéia está em oposição à vossa idéia. E essa idéia é que cria o padrão, ainda que seja uma pretensa "idéia nova". Por conseguinte, para que eu possa ser livre de todos os padrões, torna-se necessária uma revolta, isenta de qualquer incentivo e de qualquer idéia nova. Uma tal revolta é criadora; êsse estado é o "estado de criação", é o estado puro, não adulterado, não corrompido; porque, aí, não há, sequer, esperança; não há oposição a coisa alguma, sujeição a nenhum padrão.

Essa transformação, porém, só é possível quando a mente compreende a estrutura integral do padrão, todo o processo que determina a oposição de uma idéia a outra idéia, de uma crença a outra crença, de uma experiência a outra experiência. Enquanto a mente estiver tôda entregue á própria experiência, ao próprio saber, nunca se libertará; e o padrão existirá sempre.

A formação da idéia a que a mente se apegá, a aderência a uma crença, um hábito, um prazer, — tudo isso cria, tudo isso forma o molde em que a mente se aprisiona. Mas pode a mente ficar livre da idéia? O pensamento é o criador do padrão; o pensamento é sempre condicionado; não há liberdade no pensamento; porque o que penso é resultado do meu acervo mental, e todo pensar é reação a êsse fundo. A questão pois não é de saber "como libertar-me de um determinado padrão ou hábito de pensamento" mas, sim, "se a mente pode ficar livre da criação de idéias, da aderência á crença, do apêgo á experiência, ao saber, á memória". Só então há possibilidade de quebrar-se o padrão e ficar-se inteiramente livre de todos os padrões.

PERGUNTA: Os cristãos, inclusive os Católicos Romanos, prometem o céu. E vós, que ofereceis?

KRISHNAMURTI: Por que quereis o céu? Por que desejais alguma coisa? Por que dizeis "outros dão-me *isso*; e, que tendes para oferecer-me?" Se se vos promete algo por estardes estendendo a mão e pedindo, o que obtendes é a Verdade?

Que é céu e que é inferno? Que é o céu que oferecem as religiões? Segurança, sob uma ou outra forma, não é verdade? Uma esperança, uma recompensa, uma vida melhor, uma felicidade maior, "do outro lado"; a salvação, depois da morte, e um lugar seguro para cada um de nós, na existência futura. Eis o que todos queremos. E cada religião promete a recompensa final; e, dêsse modo, cada religião exerce seu monopólio particular sobre o céu. Mas é isso mesmo que desejamos; por isso se criam todos os céus e infernos, para nós. Não é só porque as religiões nos oferecem essas coisas: elas são o que nós desejamos. Desejamos segurança, felicidade permanente, e nunca encontrar-nos num estado de desconhecimento.

Mas o desconhecido é a Realidade. O céu é um estado de desconhecimento; e o inferno é o estado de conhecimento. E nós estamos presos entre estas duas coisas: o conhecer e o desconhecer. E como tôda a nossa vida é um estado de conhecimento, tememos sempre aquilo que é desconhecido. Deus, o Real, o céu, é o desconhecido. E como desejamos um lugar no desconhecido, aceitamos qualquer religião, qualquer governo, qualquer partido político, que nos prometa um lugar seguro; e tornamo-nos, assim, católicos, comunistas, ou aderimos a qualquer outra filosofia organizada. En-

quanto estivermos em busca de um lugar permanente, de uma felicidade inalterável, uma paz imperturbável, eterna, haveremos de achar ou de organizar filosofias e religiões que nos satisfaçam.

Enquanto eu estiver em busca da permanência, hei de criar dogmas e crenças. E ficarei aprisionado nesses dogmas e crenças e teorias. E isso é o que queremos. Fundamentalmente, profundamente, nunca desejamos encontrar-nos num estado em que não haja "conhecimento". Ainda que a coisa que conheço se torne fastidiosa rotina, o desconhecido sempre me faz medo. E como sinto existir o desconhecido, desejo um lugar lá. E vivo, por isso, numa luta constante, entre a coisa que conheço e a coisa que desconheço. Este é meu inferno.

Mas é possível à mente pôr de parte todo o seu saber, tôdas as suas experiências e lembranças, e achar-se naquele estado de desconhecimento? Esse é o mistério — não o mistério da superstição, dos dogmas, Salvadores, e Mestres, mas o mistério do desconhecido. *Não pode a mente tornar-se, ela própria, o desconhecido, ser o desconhecido? Isso requer, não é verdade? — uma liberdade extraordinária, das prisões do conhecido.* A mente está sempre tentando, com a carga do conhecido, apoderar-se do desconhecido. E por isso há essa batalha constante entre o passado e algo que é incognoscível pela mente que está presa ao passado. *Mas quando a mente está libertada do passado, — o passado da experiência, da memória, do conhecimento — ela é então o desconhecido, e para essa mente não existe a morte.*

Tudo isso são meras palavras, se o não experimentares. A menos que haja uma revolução direta, trazida pelo desconhecido, a mera repetição de palavras pouca significação terá. E é possível às pessoas sim-

ples, como nós, alcançar essa coisa? Quanto mais simples somos, tanto mais próximos nos achamos. O homem de erudição, o homem de vasta experiência, o homem que tem um enorme cabedal de lembranças, êsse homem nunca a alcançará. Mas, infelizmente, o homem simples, o homem comum, está sempre tratando de adquirir, a fim, de tornar-se "mais" — mais sábio, mais instruído. Se permanecer simples, porém, livre do desejo de adquirir, há então a possibilidade de a mente transformar-se, ela própria, no desconhecido. A mente se torna, então, o céu, o insondável.

PERGUNTA: As palavras "o pensador e o pensamento são um só" parecem-me incompreensíveis e incitam-me à resistência. Podeis dizer-me porque me é tão difícil compreender essa idéia?

KRISHNAMURTI: Esta idéia é provavelmente difícil porque estais respondendo a ela com outra idéia; porque fomos condicionados, desde a infância, para pensar que há dois estados distintos — pensador e pensamento, "eu superior" e "eu inferior", Deus e não-Deus — cada qual procurando dominar o outro, controlá-lo e moldá-lo. É isso o que sempre nos ensinam, não é verdade? Somos condicionados por essa maneira, e ficamos com êsse preconceito. Pensamos que aqueles dois estados são separados. E por isso há uma batalha constante entre o pensador e o pensamento.

Observai, por favor, as vossas próprias mentes, e vereis êsse é um fato comum, de todos os dias: o pensador que controla e disciplina o seu pensamento; que o molda, para torná-lo mais nobre, mais virtuoso, mais respeitável, mais refreado. É o que estamos fazendo, não?

E se estais desperto, por pouco que seja, por que perguntais se o pensador é uma entidade separada? Existe um pensador, como entidade, como essência espiritual, ou coisa que o valha, um "eu superior", distinto do pensamento? Existe um pensador separado da própria faculdade de pensar? Não existe, evidentemente. Se não penso, não há pensador. O pensamento, portanto, cria o pensador.

Não sois obrigado a aceitar o que digo; observai apenas os vossos próprios "modos" de pensamento.

Assim, pois, achamo-nos eternamente em conflito — o conflito entre o pensador e o seu pensamento. Desejo concentrar-me, e os meus pensamentos divagam; sou ciumento e devo tornar-me não-ciumento; numa extremidade da escala, sou muito nobre; na outra ignóbil. E temos, assim, esta batalha constante. E se desejamos transcender essas batalha, livrar-nos dessa luta incessante, não nos cabe descobrir se o pensador é uma realidade, se existe um pensador separado dos seus pensamentos? Os pensamentos são transitórios, não é verdade? Os pensamentos são variáveis. E a mente, observando essa cadeia contínua de pensamentos transitórios, deseja naturalmente uma entidade estável e indestrutível: o pensante. E dêsse modo, eu, o pensamento, atribuo-me uma qualidade de imperecibilidade. Criei, pois, com o pensamento, um pensador — o pensador que conhece, o pensador que acumula, o pensador que pode escolher, o pensador que pode superar todos os obstáculos. Mas o pensador é parte do pensamento. Pode o processo do pensamento libertar-se da luta, da batalha constante por alcançar seus alvos, do constante desejo de permanência? O pensamento, afinal, é resultado do conhecido; o pensamento é a reação do conhecido, da memória, da experiência,

do conhecimento. Não se pode pensar sem palavras, sem símbolos, ou sem memória. E o pensamento, na sua luta por tornar-se algo *maior*, cria o ideal. E temos então o ideal e o fato real; “o que deveria ser” e “o que é”. E por isso há uma batalha constante, um esforço incessante para alcançar algum fim, “vir a ser”, tornar-se melhor. E, todavia, desejamos realmente compreender a luta e ficar livres dela. Pois a luta, o conflito, é estéril; como tôda guerra, o conflito é destrutivo. E para que possa haver criação, no sentido sublime da palavra, não deve haver conflito. Por conseguinte, se desejo muito sèriamente encontrar uma maneira de acabar com o conflito, devo estar bem esclarecido sôbre essa questão relativa ao observador e à coisa observada. Enquanto houver observador, pensador ou experimentador distinto da experiência, da coisa observada, do pensamento, tem de haver conflito, necessariamente.

Percebendo-se todo êsse processo, percebendo-se como a mente inventa o pensador, a entidade separada, o “ego”, o “eu superior”, não é possível a mente deixar de dividir-se e ocupar-se unicamente com o pensar? Não é possível à mente ficar livre da ideação, do pensamento — sendo “pensamento” a memória, o fundo, do qual procede a reação, por meio de palavras, por meio da expressão, por meio de símbolos?

Sem dúvida, quando a mente está livre de luta, de conflito, quando a mente se acha tranqüila — numa tranqüilidade não provocada pelo acervo mental (background), pelo pensamento, só então se verifica a completa cessação do conflito. Essa tranqüilidade não é uma idéia, é um fato. Ela é o insondável, o desconhecido. E a mente, é, então, o Real.

8 de abril de 1953.

— VI —

Nesta tarde, desejo mais uma vez conversar convosco sôbre a questão da renovação, do renascimento — *não* da sobrevivência da próxima vida; o que desejo é considerar se é possível efetuar a completa regeneração da consciência, um renascimento que não seja continuidade, porém revolução radical. Esta me parece uma das questões mais dignas de exame e estudo: se a mente, o único instrumento que possuímos, de percepção, compreensão, investigação, descobrimento, pode ser completamente renovada. E se pudermos descobrir isso, se não ficarmos apenas ouvindo palavras, mas experimentando realmente êsse estado de renovação, de completa regeneração, essa coisa nova, acho que poderemos então viver a nossa vida de cada dia, com suas rotinas, provações, temores, erros, e, contudo, dar significação inteiramente nova, inteiramente diferente, a êsses erros e temores. Creio pois, vale a pena apreciarmos hoje esta questão: se é possível efetuar-se uma completa transformação do inconsciente. Com a compreensão dessa questão, talvez estejamos aptos a descobrir qual é a verdadeira função da mente.

Pois bem, enquanto falo, seria sem dúvida muito conveniente não ficardes apenas escutando as palavras, acompanhando o que estou dizendo, mas também ex-

perimentando a significação das palavras, observando a vossa mente, como está ela operando, funcionando, quando ouvis o que digo. Porque eu acho que se pudermos examinar bem esta questão, talvez encontremos a chave desse estado criador, desse estado completo, no qual pode vir à existência o “não-conhecimento” — o incognoscível.

O que conhecemos da vida, atualmente, é uma série de lutas, de ajustamentos, de limitações, de coerções contínuas. E, nesse processo, não há, nunca, renovação, jamais ocorre algo novo. Ocasionalmente surge uma sugestão do inconsciente; essa sugestão, porém, é traduzida pela mente consciente e posta em conformidade com o padrão das nossas conveniências de cada dia. O que conhecemos é a luta, o incessante esforço por alcançarmos um resultado. E o esforço, a luta, o conflito entre a tese e a antítese, na esperança de achar uma síntese, essa luta fará nascer aquela qualidade própria do que é novo, original, lícido, incorrupto?

Nossa vida é rotina, dissipação, morte — a morte que se relaciona com a continuidade, e não a morte que traz um novo estado. Estamos bem cientes disso; tal é a nossa vida — consciente ou inconsciente. E é possível que essa mente mecânica, essa mente que resulta do tempo, constituída de experiência, memória e conhecimento — sendo tudo isso uma forma de continuidade, o mecanismo do conhecido — é possível a essa mente remover-se, tornando-se pura, incorrupta? Pode a mente, a minha e a vossa mente, sujeita que está a tantos hábitos, paixões, exigências, impulsos; sempre e sempre a seguir uma série de hábitos convenientes ou agradáveis, ou lutando para quebrar hábitos desagradáveis — pode essa mente desistir de tais atividades e tornar-se “o desconhecido”?

Porque a mim me parece ser este um dos principais problemas da nossa existência: "como nos tornarmos capazes de morrer para todas as coisas do passado". É possível isso? Pode a mente morrer para todo o passado — suas memórias, seus anelos, seus vários condicionamentos, temores, e qualidades "respeitáveis"? Se não, nesse caso não há esperanças, não achais? Porque, então, tudo o que conhecemos é a continuidade das coisas passadas, que estamos continuamente fixando em nossa mente, em nossa consciência. A mente está sempre gerando, através da memória, da experiência, do conhecimento, um estado de continuidade. Isso é tudo o que sabemos. Desejo "continuar", por meio da propriedade, da família, ou de idéias; desejo essa continuidade não tenha solução. E pode a mente, que está sempre em busca da segurança, da permanência, quer no prazer, quer na luta; ou tentando transcender os seus temores, a fim de consolidar um estado de permanência — reação do seu próprio desejo de continuidade — pode essa mente findar?

Porque o que continua nunca se renova, nunca faz nascer algo novo. E, todavia, profundamente instalado em todos nós, há o desejo de viver, de "continuar", de continuar a ser o que somos, só com modificações: mais nobres e de mais valia na vida, pelas nossas ações, pelas nossas relações. A função da mente, pois, tal como a conhecemos é a de gerar continuidade, de produzir um estado no qual o tempo tem um papel importantíssimo, como meio de "vir a ser". E, assim, vivemos num esforço, numa luta constante, para manter essa continuidade. E essa continuidade é o "eu", o "ego". Tal tem sido a função da nossa mente até agora. É só isso que conhecemos.

Ora, pode essa mente, que se acha de tal maneira enraizada no tempo, pôr fim a si mesma e passar ao estado no qual tem existência o “desconhecido”? A mente é mecânica, porque a memória é mecânica, a experiência é mecânica, e o saber — ainda que seja uma fonte de estímulo — é contudo também mecânico; e porque o “pano de fundo” da mente é o tempo. Pode essa mente deixar de pensar em termos relativos ao tempo? O “eu” é a idéia, e a idéia é memória, experiência, luta, temores. *Pode a mente findar, sem desejar esse findar?*

Quando a mente deseja alcançar um fim, pode alcançá-lo intelectualmente, pode alcançá-lo por auto-hipnose. A mente é capaz de criar qualquer forma de ilusão; mas nessa ilusão nunca há renovação.

O problema, por conseguinte, é este: “Conhecendo-se a função da mente, tal como é, pode essa mente renovar-se?” Ou essa mente é incapaz de perceber o novo, de receber o novo, o desconhecido, e por conseguinte o mais que pode fazer é permanecer em completo silêncio? E, parece-me, *é só isso que ela pode fazer*. Pode essa mente inquieta, volúvel, essa mente que vagueia em tôdas as direções, que acumula, que rejeita (observai, por favor, a vossa própria mente) pode essa mente findar instantâneamente e tornar-se silenciosa?

Porque, nesse silêncio, há renovação, aquela renovação não compreensível à mente que está ligada ao tempo. Mas quando a mente está em silêncio, livre do tempo, ela é então uma mente de todo diferente, na qual não existe a continuidade da experiência, porque já não há nenhuma entidade ocupada em acumular. Nesse silêncio, nesse estado, há criação, a criação que vem de Deus, da Verdade. Essa criação não é contínua,

como a que conhecemos. Mas a nossa mente, a mente que é mecânica, só é capaz de pensar em relações de continuidade, e por isso pede a Verdade, pede Deus, como coisa contínua, permanente. Mas a mente mecânica, a mente ordinária, a mente de que nos servimos todos os dias, não é capaz de experimentar “a outra coisa”; essa mente nunca pode renovar-se; essa mente jamais conhecerá o incognoscível.

Mas se a mente, isto é, a mente contínua a mente do tempo, a mente que funciona na memória, no conhecimento, na experiência; se essa mente fôr capaz de alcançar aquêlê silêncio, aquela extraordinária tranquilidade, encontrará, então, nesse estado, a criação que vem da Verdade. Essa verdade não é para todo o sempre; só existe momento por momento, uma vez que, nela, não há acumulação.

A criação, pois, é algo que, não estando sujeito às limitações da mente ordinária, não é contínuo. Ela ocorre sempre. Mas a própria expressão “ela ocorre sempre” não é exata. Pois a idéia de que ela ocorre sempre sugere um estado de permanência. Mas uma mente que é capaz de estar silenciosa, conhecerá *aquêlê estado que é eternamente criador; e esta é a função da mente, não achais?* A função da mente não consiste apenas na parte mecânica da mesma, não é sòmente a capacidade de coordenar as coisas, a capacidade de lutar, de destruir e tornar a coordenar. Tudo isso constitui a nossa mente ordinária: a mente comum, que recebe sugestões procedentes do inconsciente, mas cujo inteiro processo de consciência se acha na rêde do tempo; a mente que está sempre reagindo — como tem de fazer, pois, do contrário, somos entidades mortas. Não podemos dispensar essa mente. Essa mente é produto da técnica; e quanto mais se cultivar a técnica, o “co-

mo", o método, o sistema, tanto menos se conhecerá "a outra coisa", o estado criador. Entretanto, temos necessidade da técnica, precisamos saber fazer as coisas. Mas quando essa mente mecânica, a mente que está ligada à memória, à experiência, ao conhecimento, quando essa mente existe só e funciona sòzinha, sem a outra parte, é óbvio que ela só pode conduzir à destruição. Porque a intelectualidade, sem aquela força criadora da realidade, não tem significação alguma; só leva à guerra, a mais misérias e sofrimentos. É possível, pois, a existência daquele estado criador, ao mesmo tempo em que está funcionando a mente mecânica, a mente técnica? Uma coisa exclui a outra?

Só há exclusão do Real, sem dúvida, quando o intelecto, que é a parte mecânica, assume a máxima importância; quando as idéias, as crenças, os dogmas, as teorias, as invenções do intelecto se tornam sumamente importantes. Mas quando a mente se acha em silêncio e a realidade criadora se manifesta, então tem a mente ordinária significação de todo diferente. A mente ordinária estará então também numa revolta contínua contra a técnica, o "como". Conseqüentemente, ela não mais pedirá o "como" e não mais se preocupará com a virtude, porquanto a verdade se acha além da virtude. A mente silenciosa, a mente que se acha num estado de completa tranqüilidade, que conhece o desconhecido, que é o desconhecido, a força criadora do real, essa mente não necessita da virtude. Porque, nesse estado, nunca há luta. Só a mente que luta para "vir a ser" necessita da virtude.

Assim, pois, enquanto atribuirmos exagerada importância ao intelecto, à mente que adquire saber, ilustração, experiência e lembranças, não existirá "a outra coisa". Pode-se em certas ocasiões ter rápidas visões

da "outra coisa"; mas essas visões são reduzidas imediatamente às medidas do tempo, resultando daí o desejo da repetição das experiências e o fortalecimento da memória. Mas se, percebendo tudo isso, todo esse processo da consciência, a mente *se acha no seu estado natural* e portanto não mais enredada nas crenças, nas idéias, há então tranquilidade, silêncio — silêncio *não premeditado*, silêncio não elaborado pela vontade, pela resistência. E nesse silêncio reina aquela tranquilidade criadora que se não pode medir, que não pode ser fixada como um fim para ser alcançado pela mente mecânica. Há nesse estado uma felicidade de uma natureza que a mente mecânica é incapaz de compreender.

Isto não é misticismo importado do Oriente. Pelo contrário, é uma coisa humana, existente em toda parte e em todos os climas. Se se puder observar todo esse processo da consciência, a função da mente, tal como a conhecemos, então, sem nenhuma luta, começará a existir aquela extraordinária tranquilidade da mente, na qual se encontra a realidade criadora.

Foram-me entregues muitas perguntas, e espero os respectivos remetentes me perdoem o não responder a todas elas, visto que são numerosíssimas. Mas em cada uma destas tardes temos tentado responder às perguntas típicas, de modo que, se uma determinada pergunta ficar sem resposta, o seu autor, inteirando-se das respostas dadas às outras perguntas, talvez possa compreender ou solucionar o seu próprio problema.

Como já disse, é importantíssimo saber escutar, escutar a todas as coisas — não só a mim, pois isso já não é de tanta importância. Mas, se sabemos escutar, então já não nos cingimos a nenhuma autoridade, já não nos interessa a imitação. Porque, nessa maneira de escutar há uma grande liberdade. Quando sou inca-

paz de escutar, crio resistência; e para anular essa resistência, necessito de mais autoridades e de mais compulsões. Mas se sabemos escutar sem interpretação, sem julgamento, sem deformar o que ouvimos, sem lhe misturarmos as nossas próprias reações e as reações do nosso condicionamento — se somos capazes de pôr de parte tudo isso e escutar a tôdas as coisas, dar atenção à nossa espôsa, nossos filhos, nosso vizinho, aos perniciosos jornais, a tôdas as coisas que se passam ao redor de nós, então tudo tem extraordinária significação, tudo representa uma revolução.

Estamos muito enredados nos nossos próprios juízos, nossos próprios preconceitos, nosso desejo de saber; mas, se soubermos escutar, muitas coisas nos serão reveladas. Se soubermos “escutar” realmente tudo o que se passa na nossa consciência — nossos impulsos, nossas variadas paixões, nossos despeitos e temores, manifestar-se-á então aquêlê silêncio de que falei.

PERGUNTA: Como é possível a ação coletiva, quando existem tantos interesses divergentes?

KRISHNAMURTI: Que entendeis por “ação coletiva?” Apreciemos isso em primeiro lugar e vejamos, depois, se temos, fundamentalmente, interesses divergentes, colidindo com a ação coletiva.

Que entendemos por ação coletiva? Todos nós trabalhando juntos: criando, construído uma ponte, pintando, escrevendo um poema, juntos, ou arando juntos o campo? A ação coletiva, por certo, só é possível quando há pensamento coletivo. O que entendemos, pois, não é “ação coletiva”, mas “pensamento coletivo”, o qual produzirá naturalmente uma ação harmonica de todos nós.

Pois bem, o pensamento coletivo é possível? É isso o que todos nós desejamos. Todos os governos, tôdas as religiões e filosofias organizadas, tôdas as crenças requerem pensamento coletivo. Temos de ser todos cristãos ou comunistas ou hinduístas; e então o mundo será perfeito. Mas é possível o pensamento coletivo? Sei que o tornaram possível, atualmente, por meio da educação, da ordem social, da compulsão econômica, de várias formas de disciplina, do nacionalismo, etc.; tornou-se possível o pensamento coletivo, fazendo-se que todos sejamos ingleses, ou alemães, ou russos, ou o que mais seja. Por meio da propaganda, da educação, da religião, somos metidos em moldes elásticos, nos quais todos pensamos de igual maneira. Mas, como somos indivíduos, com nossas idiossincrasias, nossos impulsos e ambições peculiares, faz-se que o molde se torne cada vez mais rijo, para que não possamos sair dêle; e, se saímos, liquidam-nos, excomungam-nos, expulsam-nos do partido — o que significa perder o emprego.

Dêsse modo, a gôsto ou a contragôsto, somos mantidos coesos, dentro do molde de uma ideologia. E quanto mais sólido e mais firme se torna o molde, tanto mais nos sentimos felizes, aliviados, porque ficamos livres de responsabilidade. Assim, todo governo, toda sociedade quer fazer que todos pensemos de igual maneira. E, também, desejamos pensar de igual maneira, porque nos sentimos mais seguros quando pensamos do mesmo modo, não é verdade? — sentimo-nos garantidos. Sempre temos medo de não causar a impressão desejada, medo do que digam de nós, pois todos desejamos ser pessoas respeitáveis. E, dêsse modo, tornou-se possível o pensamento coletivo. E, por êsse

motivo, quando surge uma crise todos nos unimos, como acontece em caso de guerra ou quando nos vemos ameaçados religiosamente, politicamente, ou de qualquer outra maneira.

Ora, um tal condicionamento do indivíduo é criador? Embora nos submetamos a êsse condicionamento, nunca somos felizes interiormente; há sempre uma resistência. Porque, nessa submissão ao coletivo, não há liberdade; a liberdade individual se torna então meramente verbal. E o indivíduo, vendo-se aprisionado pelas convenções e pela tradição, está sempre procurando expressar-se e preencher-se por meio da ambição. Trata então a sociedade de refreá-lo, do que resulta conflito entre o indivíduo e a sociedade, uma guerra perene.

Mas não é possível haver uma só vocação para todos nós; não atitudes divergentes, não interesses divergentes, mas um interesse genuíno, comum a todos nós, ou seja: "A compreensão do que é verdadeiro, do que é real?" Esta é, por certo, a verdadeira vocação de todos nós — a qual não significa tornar-se engenheiro, ou marinheiro, ou soldado, ou advogado. A verdadeira vocação de cada um de nós é, indubitavelmente, a de encontrar a Realidade. Porque, nós somos entes humanos, que sofremos e buscamos; e se pudermos ter aquela verdadeira vocação, por meio de adequada educação, ministrada desde o princípio, por meio da liberdade, etc., haveremos então de cooperar em liberdade, *sem estarmos sujeitos a ser condicionados eternamente pelo pensamento coletivo, e obrigados a agir em conjunto*. Se, como entes humanos, pudermos achar aquela Realidade, será então possível a verdadeira ação criadora.

PERGUNTA: Como pode o nosso precário amor humano tornar-se incorruptível?

KRISHNAMURTI: Pode uma coisa que é corruptível tornar-se não corruptível? Pode o feio tornar-se belo? Pode o estúpido tornar-se inteligentíssimo? Posso eu, reconhecendo que sou estúpido, lutar para tornar-me inteligente? A própria luta, com o fim de nos tornarmos inteligentes, não é uma coisa estúpida? Porque, fundamentalmente, eu sou estúpido; embora possa aprender tôda a sorte de artifícios, continuo, em essência, estúpido. De modo idêntico, se meu amor é corruptível, desejo torná-lo puro, incorruptível. Acho que isso não é possível. *O próprio "tornar-se", "vir a ser", é uma forma de corrupção.* O mais que posso fazer é estar cômico de tudo o que êsse amor implica: seus despeitos, ciúmes, ânsias, temores, sua escravidão, sua dependência. Sabemos o que é isso; sabemos o que se entende quando dizemos que amamos; conhecemos o enorme "pano de fundo" sôbre o qual esta palavra se destaca. E desejamos todo êsse fundo se torne incorruptível — o que mais uma vez significa que a mente quer dar uma certa feição ao amor, emprestar ao atemporal uma qualidade temporal. E isso é possível?

Vêde bem isso, por favor. Conhecendo os tormentos do amor — ânsias, incertezas, separação, temor, morte — a mente supõe que deve modificá-lo, transformá-lo em algo que se não possa corromper. O próprio desejo de modificar o amor não o converte numa coisa de natureza mental, de natureza sensível? A mente não pode transformar uma coisa que já está corrompida, numa coisa nobre; e isso é o que estamos sempre tentando fazer, não é verdade? Sou invejoso e

desejo ser não-invejoso; e, assim, entro em luta, porque a mente, sentindo o tormento da inveja, deseja transformá-la. Sou violento, e isso é doloroso; por conseguinte, a mente deseja transformar a violência em não-violência, transformação essa que está compreendida, ainda, na esfera do tempo. E por essa razão nunca me vejo livre da violência, da inveja, da corrupção do amor. Enquanto a mente estiver fazendo do amor algo de natureza temporal, há de haver sempre corrupção.

Não é possível, então, o amor humano? Isso pode descobrir-se se compreendermos deveras que a mente corrompe o amor. É a mente que destroi. O amor não é corrupto. Mas a mente que sente não estar sendo amada, que se sente isolada, que está condicionada, essa mente é que destroi o amor. *Amamos com nossas mentes e não com nossos corações.* Temos de descobrir o que isso significa. Temos de investigá-lo, examiná-lo, e não apenas repetir palavras.

Mas não compreenderemos essa coisa enquanto não compreendermos integralmente o significado da função da mente. Temos de alcançar a compreensão da consciência do "eu", na sua totalidade, êsse "eu" que tanto teme não ser amado ou que, se ama, procura conservar, ansiosamente, êsse amor que depende de outro para sustentar-se. Tudo isso faz parte da mente. O "eu" que diz "preciso amar a Deus, à Verdade", e cria, dê-se modo, o símbolo, e começa a ir à igreja todos os dias, ou uma vez por semana, ou sei lá quantas vezes — êsse "eu" faz parte também da mente. Tudo o que a mente toca, com sua memória mecânica, seu saber mecânico, tudo o que a mente toca, corrompe.

Nessas condições, é importantíssimo, quando nos vemos em presença de um problema desta natureza, descobrir como devemos aplicar-nos a êle. Só podemos

resolver este problema e fazer nascer aquela qualidade que é incorruptível, quando a mente, conhecendo a sua função, deixa de existir. Só então, por certo, o amor é incorruptível.

PERGUNTA: Não são tantos os caminhos para a Realidade ou Deus, quantos são os indivíduos? e a *yoga* ou a disciplina não é um desses caminhos?

KRISHNAMURTI: Existe um caminho que leva ao desconhecido? Há sempre caminho para o conhecido, mas nunca para o desconhecido. Se realmente pudéssemos perceber isso, senti-lo nos nossos corações e nas nossas mentes, perceber realmente a verdade respectiva, então, todos os céus que as religiões prometem, e também o nosso desejo de encontrar um caminho para a Realidade, se reduziriam a nada.

Se a Realidade é o conhecido — assim como nossa casa, cujo caminho conhecemos — então a coisa é muito simples: podeis abrir um caminho para lá. Podeis ter então uma disciplina, obrigar-vos a várias formas de *yoga*, exercício, crenças, a fim de não vos desviardes do alvo. Mas a Realidade é algo que se conhece? E se a conhecemos, isso é o Real? Por certo, a Realidade é algo que se manifesta momento por momento e que só se pode encontrar no silêncio da mente. Não há caminho para a verdade, apesar de tôdas as filosofias; porque a Realidade é o incognoscível, o inominável, o impensável. O que podeis pensar a respeito da Verdade, é produto de vosso fundo mental, vossa tradição, vosso saber. Mas a verdade nada tem em comum com o saber, com a memória, com a experiência. Se a mente pode criar um Deus — como de fato cria — isso por

certo não é Deus, e sim uma mera palavra, não achais? A mente só é capaz de pensar por meio de palavras, símbolos, imagens. E o que a mente cria não é o Real.

A palavra é tudo o que conhecemos. E a fé nesse Deus criado pela mente, dá-nos, sem dúvida, uma certa força. É só isso que conhecemos. Temos lido, temos sido condicionados, como cristãos, budistas, comunistas, etc. — e êsse condicionamento é tudo o que conhecemos. Há sempre um caminho para o conhecido, mas nunca para o desconhecido. E pode qualquer disciplina levar-nos a êle — disciplina, que significa resistência, repressão, sublimação, substituição? Queremos achar um substituto para o Real. Como não sabemos deixar que o Real se manifeste por si, pensamos que êle virá por meio de contrôle e da virtude. Cultivamos então a virtude, o que, mais uma vez, denuncia o hábito mecânico da mente. E fazemos, assim, da virtude, algo que nos dá, não liberdade, mas respeitabilidade, proteção contra o temor.

Quando usamos de disciplina, não há compreensão. Sem dúvida, uma mente que é disciplinada, controlada, moldada, nunca pode ser uma mente livre — livre para investigar, descobrir, estar em silêncio. Porque, ela apenas aprendeu a fortalecer o processo do pensamento, que é reação da memória, reação de acôrdo com uma exigência condicionada, e espera ela alcançar assim uma felicidade a que chama a Verdade.

Não podemos perceber tudo isso, como funciona a consciência, a mente; como o “eu” está eternamente juntando, acumulando, com o fim de garantir sua segurança, e “projetando” o céu, ou Deus, que êle mesmo criou e que representa sua ânsia de segurança, como entidade individual? A mente, por certo, não pode encontrar a verdade. Uma mente que é reprimida, que

jamais se observou interiormente, que tem sempre medo daquilo que possa encontrar em si própria e por isso vive sempre fugindo ao *que é* — essa mente, é óbvio, nunca encontrará o desconhecido.

Porque o desconhecido só se manifesta quando a mente já não o busca nem pede. Então, compreendendo integralmente, o “processo” de si mesma, a mente chega àquele silêncio no qual reina a Realidade criadora.

9 de abril de 1953.

600

Obras já editadas pela
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI,
do mesmo autor:

NOSSO ÚNICO PROBLEMA.
A RENOVAÇÃO DA MENTE.
QUE ESTAMOS BUSCANDO?
NOVO ACESSO A VIDA.
NOVOS ROTEIROS EM EDUCAÇÃO.
A ARTE DA LIBERTAÇÃO.
DA INSATISFAÇÃO A FELICIDADE.
VIVER SEM CONFUSÃO.
PORQUE NÃO TE SATISFAZ A VIDA?
CONQUISTA DA SERENIDADE.
NÓS SOMOS O PROBLEMA.
SOLUÇÃO PARA OS NOSSOS CONFLITOS.
O CAMINHO DA VIDA.
QUE TE FARÁ FELIZ?
UMA NOVA MANEIRA DE VIVER.
O EGOISMO E O PROBLEMA DA PAZ.
A FINALIDADE DA VIDA.
QUE O ENTENDIMENTO SEJA LEI.
AUTOCONHECIMENTO, CORRETO PENSAR, FELICIDADE.
A LUTA DO HOMEM.
O MEDO (2.^a ed.).
A BUSCA (poema).
AUCKLAND, 1934.
OJAI E SAROBIA.
ADYAR, INDIA, 1933/34.
ACAMPAMENTO EM OMMEN, 1937/38.
ITALIA E NORUEGA. 1933.
NOVA IORQUE, EDDINGTON E MADRASTA, 1937.
PALESTRAS EM OMMEN, 1936.
PALESTRAS EM OJAI, CALIFÓRNIA, 1936.
PALESTRAS NO CHILE E NO MÉXICO, 1935.
PALESTRAS NO URUGUAI E ARGENTINA, 1935.
PALESTRAS NO BRASIL, 1935.